

# estudo cultural digital

reflexões críticas em mídias digitais

org. thaís brito

**\* Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet**

**- Organização -**

**Thaís Brito**

**- Colaboradores -**

**Denise Viana**

**Felipe Ribeiro f?ri!**

**Edmunda Freudina e Bráuzio Varanella**

**Leidiane Coimbra**

**Leonardo Galvão**

**Leonardo Br**

**Leo Guima**

**Luiz Carlos Pinto**

**Morgana Gomes**

**Maíra Castanheiro**

**Renato Fabbri**

**Ricardo Brasileiro**

**Ricardo Ruiz**

**Thiago Skárnio**

**cculturadigital@gmail.com**

**<http://culturadigital.br/contraculturadigital/>**



## EXPERIÊNCIAS

SISTEMA FORTUITO (DES)ENCONTRO: Estratégia Hacker De Um Sistema Telemático

Azucrina Records : Relatos de uma experiência com selos virtuais (netlabels)

O E®®ANTE (FATEBOOK)

#SOSinternetVE: O AI 5 Digital Venezuelano não merece um Mega Não também?

P2 X P2P - Cultura Digital e Movimento Social

Uma chamada ao Exército do Amor e ao Exército do Software

## POÉTICAS

C.o.n.t.r.a.p.o.e.m.a.d.i.g.i.t.a.l.

Por poesia revolucionária

Carta aos novos navegantes - breve itinerário de uma Viagem

Cotidiano sensitivo

## FILOSOFIAS

Psico-Ativismo Neodarwinista

Inquisidores, Mártires, Hereges e Libertinos

{Os Civilizados}

O homem técnico e o esquecimento do ser

Cultura Dialeigital do Contra

A-própria-ação dos conceitos

A-própria-ação dos conceitos: revista e ampliada

## EXPERIÊNCIAS

# SISTEMA FORTUITO (DES)ENCONTRO: Estratégia Hacker De Um Sistema Telemático

Por Leonardo Galvão (A.K.A. Eá)

*"A cultura urbana movida pelas mídias proporciona uma geração de artistas interessada nos trânsitos entre as linguagens digitais e nos recursos oferecidos pelos meios interativos e pelas comunidades virtuais. Esses criadores preocupam-se com as transformações políticas e sociais estabelecidas a partir disso, criam mediações simbólicas e pesquisam novos significados para o trabalho artístico e sua forma de recepção. Relacionam-se de maneira ativa com a cidade e o contexto midiático, agenciando-os de maneira compartilhada."*

(MELLO, 2008, p. 220)

O sistema poético Fortuitos (Des)Encontros trata-se da aplicação de estratégias de hackeamento de um site de relacionamento via webcam e sua retransmissão por projeção no espaço arquitetônico da cidade. De um lado, o encontro ocasional com frequentadores de bate-papo eletrônico, cuja entrada se faz através de uma *home page* mediando as interfaces pelo encontro das *webcams* e *textos*. Partindo da questão sobre o que está em jogo na arte *hacker* e bem como o uso das mídias envolvidas neste processo, proponho um jogo de caráter provocador, intervindo no fluxo de uma programação que nivela seus usuários em previsíveis janelas comportamentais. Uso das tecnologias digitais disponíveis e a estratégia da apropriação hacker para provocar a desterritorialização das redes sociais bem como seu deslocamento para um espaço urbano (ainda) em aberto.

Baseado em processos desenvolvidos em programação visual, onde apropriamos de imagens de streaming video, geramos a seguir um ruído gráfico proveniente do cruzamento interface da sonoridade correspondente aos ecrãs e suas fontes sonoras, apropriando e devolvendo dados de maneira gráfica.

## DETALHAMENTO DO SISTEMA

Primeiramente, o computador é preparado para receber (simultaneamente) as funções de decodificação (*input*) e decodificação (*output*). Usamos programas que simulam câmeras virtuais (Virtual Cam e USCam) e outro (Processing 1.2.1) para edição e composição gráfica a partir dos dados recebidos pela internet e o entorno. Em sequência, com o procedimento usual da arte generativa, geramos os grafismos de imagens sintéticas provenientes de algoritmos recebidos

(atualizados em de tempo atual) e retransmitimo-os de volta à internet e projetado em um espaço real. Os hardwares envolvidos não exigem grande complexidade ou desempenho extraordinário para a realização do sistema, salvo a utilização de mesa de som cuja finalidade é a amplificação sonora e a conexão de banda larga, visto que as informações recebidas e retransmitidas exigem maior capacidade de conexão. O projetor do resultado é o mesmo usado em videoaula ou apresentações multimídia, um datashow de 3.000 lumens conectado ao computador.

O *modus operandi* do sistema acontece na convergência funcional de todos os componentes descritos acima, trabalhando sem conflitos e em coerência uns com os outros, no que se espera de desempenho de hardware e software. Vale acenar para a importância do bom desempenho do site Chatroulette, sendo este o mote de nossa proposição poética. Contudo, ainda que de posse de todo maquinário em perfeito funcionamento e condições favoráveis de recepção e transmissão de dados para a internet e projeção, o ativador desse sistema acontece de fato através do encontro com o outro, na confluência das duas telas em comunicação permitidas pelo Chatroulette e sua troca imprevisível de usuários conectados, ao mesmo tempo.

Ao navegarmos no site [www.chatroulette.com](http://www.chatroulette.com), uma página se abre para o usuário requerindo permissão para transmitir a webcam bem como o áudio para o sistema do Chatroulette. A partir desse momento, o usuário pode editar a fonte de vídeo e áudio proveniente de seu computador e se depara em seguida com o sistema de duas janelas, uma que corresponde à sua própria imagem, enquanto a outra, uma janela de usuários que surgem pela escolha randômica da programação do site. Em outras palavras, o site distribui aleatoriamente os usuários, permitindo apenas que estes troquem de janelas mediante um botão de next/switch, o que permite-nos encontrar o maior número de usuários ou rejeitar um encontro se este for o caso. Não há como prever quem, como e de onde vem cada usuário, mesmo porque é um volume enorme de visitantes ao site de videochat, provenientes de todos os continentes, falando (ou não) línguas diversas, manifestando culturas diversas.

O Chatroulette é construído como um sistema de janelas, semelhantes aos videochats de programas (softwares) de mensagens instantâneas (como o Skype e MSN, p.e.) com o diferencial de permitir a troca de janelas de usuários conectados, acaso seu interesse pelo encontro caia em desencanto. Em nosso sistema, uma vez que o encontro é travado, a comunicação verbal (ou outras sonoridades) é capturada em alto e bom som (o áudio é amplificado pela mesa de som, que retransmite pro computador o áudio em som analógico com ganho e equalizado) e transformada em dados que são manipulados pelo programa Processing 1.2.1. Este último recebe as informações de áudio (mediante a amplificação sonora) e vídeo (pelo uso de uma câmera virtual que esquadrinha a área da tela do Chatroulette e a transforma em sinal de vídeo). Uma vez capturados, áudio e vídeo são transductíceis em grafismos sintéticos, produzidos pelos algoritmos

atualizados, como já mencionamos anteriormente. Esses grafismos são interativos, uma vez que sua composição é condicionada aos sinais de áudio e vídeo, agindo em meio à dinâmica relacional entre interatores e o autor que também é parte do próprio sistema que propõe. Apropriamo-nos de um canal virtual de comunicação que também funciona como uma rede de relacionamentos, mediado pela programação do próprio site afim de criar fricção por meio do encontro globalizado de personas usuárias das redes sociais mediadoras, como é caso do Chatroulette. A apropriação do primeiro sistema gera um segundo sistema cujo propósito é poético, menos pelos grafismos (GUI)<sup>1</sup> gerados e mais pela estratégia de apropriação envolvida. O sistema Fortuitos (Des)Encontros consiste de 3 diferentes etapas ou táticas operacionais: o *encontro*, a *cooptação* e a *transmissão ressignificada*.

## O ENCONTRO



A etapa em questão dá-se mediante o envio de uma imagem capturada pela *webcam* e enviada para a *internet*, especificamente para um *videochat*, onde os demais usuários trocam intimidades e procuram nas visualidades materiais que estimulem seus desejos. Chamamos de *encontro* pois duas imagens (que podem ser pessoas ou coisas) travam contato num espaço simbólico cediado pelo site de videochat, em outras palavras: enviamos a imagem da webcam para a internet mediante o portal de video chat conhecido como *Chatroulette*<sup>2</sup> e encontramos outras imagens de

---

1 *Graphical User Interface* ou interface gráfica do usuário;

2 **Chatroulette** é um site onde duplas de desconhecidos interagem tendo como base principal a webcam. Os usuários comunicam-se por um chat de conversa online (podendo usar o vídeo, áudio e textos). A qualquer momento, dois usuários poderão se encontrar, conversar ou trocar de janela para outra e começar uma nova interação, de maneira aleatória. O website usa Adobe Flash para executar os vídeos e

outros usuários conectados, no momento. O encontro se dá quando a imagem primeira encontra a imagem transmitida do observador, que tem a liberdade de trocar de sala logo que o contato visual é travado, abrindo espaço para outro observador. Dispomos o computador munido de webcam e conexão no próprio local de projeção, passível de manipulação e retransmitindo ao vivo para o vido chat sem interrupções, obedecendo somente a estrutura programática do site de bate-papo.

## **A COOPTAÇÃO**

A *cooptação* consiste na captura do encontro entre essas duas imagens, configurando um *display* cujo ecrã é o encontro de duas janelas ladeadas, uma referência espacial e cultural acerca das trocas de informação, atualização e reafirmação de onhecimentos diversos entre vizinhos. A imagem capturada resultante do encontro das webcams então é processada por algoritmos, transformando a experiência bidimensional da imagem em tridimensional, também, de exibição passiva torna-se elemento interativo. Trata-se de um hackeamento, sem a necessidade de intervir no código fonte da programação do site. A cooptação é, também, um procedimento de transporte do sentido original das imagens no referido site para a criação de novos sentidos gerados pela programação. Mônica Tavares (2002) analisa tal procedimento, na geração de imagens interativas e apresenta um ponto de vista outro, lançando o olhar à uma outra ontologia das imagens interativas:

“A mensagem referencial que a imagem interativa pode vir a desenvolver existe na medida em que este tipo de imagem pode veicular informação sobre objetos e fenômenos da própria realidade. Este tipo de mensagem centra-se na 3a pessoa propriamente dita, portanto aquele ou aquilo de que se fala, ou seja, fulcra-se no contexto a que a obra se refere.”

(TAVARES, 2002, p.9)

Em outras palavras, a etapa chamada de cooptação consiste em apropriar-se da estrutura particular da experiência de uma conversa (video chat), em que o encontro dos usuários conectados (online) e o ruído dessa comunicação são compilados pelo sistema como dados puros e em seguida convertidos em poligonos tridimensionais (GUI).

## **A TRANSMISSÃO RESSIGNIFICADA**

Etapa que consiste na recepção e transformação das imagens capturadas na etapa anterior, seguida do delocamento destas para um ambiente em espaço e tempo real. A projeção

---

suportar o acesso das webcam dos usuários. Flash P2P network capabilities (via Real Time Media Flow Protocol - RTMFP) que permite a transferência direta entre os computadores dos usuários de quase todos os formatos de vídeo e áudio sem o uso servidor de banda larga. (Fonte: wikipedia.com)

possui caráter interativo, reagindo ao volume de ruído sonoro presente no espaço de projeção somado aquele provocado pelo usuário do chatroulette, encontrado “ao acaso” e transformando formas videográficas em polígonos gerados por algoritmos. Baseado na programação de vídeo digital do Processing, cubos de diferentes cores saltam à tela ao decompor a imagem das janelas do videochat, reagindo ao barulho da sala de projeção e retornando ao seu estado original no momento em que o silêncio toma conta daquele espaço. A interação que ocorre neste momento consiste na análise da imagem proveniente da cooptação, gerando uma saída (output) para um display animado e reativo ao comportamento do meio<sup>3</sup>. O caráter telepresencial deste trabalho não exclui a possibilidade do registro de partes ou do todo do trabalho, constando como fora do sistema, abrindo a possibilidade (através de streaming) de novos observadores, ainda que destituídos de interação direta, lhes seria permitido acompanhar o evento. Esta etapa consiste de uma dupla intervenção, tanto no fluxo da rede da *World Wide Web* (transmitido para um site de *streaming*) e sua duplicação no espaço de projeção, onde a arquitetura da cidade reconfigura-se em grafismos de 3a. Ordem, ou seja, sintéticos.

O sistema criado baseia-se nos conceitos de cibridismo (Anders, 2003), no qual o encontro com o observador altera o trabalho mediante o diálogo entre um e outro, condicionado ao espaço da internet e sua dinâmica e cuja tática para tal está baseada nas práticas de hackeamentos e outras táticas de subversão hacker das mídias disponibilizadas.

*“Nós somos os hackers da abstração. Nós produzimos novos conceitos, novas percepções, novas sensações, retiradas (hackeadas) de dados crus. Qualquer que seja o código, nós hackeamos, seja ele linguagem de programação, linguagem poética, matemática ou música, curvas ou colorações, nós somos os abstracionistas de novos mundos.”*

(WARK, visitado em 17/05/2011)<sup>4</sup>

Em tal poética, a máquina/mídia adquire contexto de fonte de abstração através de sua capacidade de compilar dados ao sistema, na desconstrução das programações mediadoras das redes sociais, onde impera o comportamento exibicionista (ou "parafilia")<sup>5</sup> de consumidores de

---

3 Trabalhamos com a ubiquidade da arte das novas mídias. Por se tratar de processo, este sistema não está fechado, tendo caráter de memória o registro deste, apenas.

4 Disponível em: [http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/02/artigos/\\_Wark\\_resenha.pdf](http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/02/artigos/_Wark_resenha.pdf),

5 “Parafilia” consiste em um comportamento fetichista no qual a fonte de prazer sexual não se encontra na cópula, ou mesmo no objeto de sua atração em detrimento ao ato, em si. O Fetiche é um componente importante na relação desse trabalho, ao explorar o componente estabelecido na comunicação entre usuários do bate-papo virtual, suas práticas exibicionistas e sua afeição às visualidades. O fetiche tem um duplo sentido, tanto como objetos e encantos de propriedade mágica quanto uma fabricação, um artefato, um trabalho de aparências e sinais”. Seu caráter religioso e antropológico foi substituído pelo conceito moderno de cunho sexual comportamental, no final do século XIX por Alfred Binet, descrito em um ensaio de nome “Le Fetichisme dans L'Amour”, publicado na “Revue Philosophique” em 1887 (STEELE,

funções pre-programadas. O próximo passo é a invasão do espaço urbano como convergência de todo esse embate (como faz o grafite e o stencil).

## CONCLUSÕES

O uso das tecnologias de comunicação, dos equipamentos de captura e produção de som e imagem, das ferramentas locativas e telepresenciais dentre tantos outros dispositivos e linguagens midiáticas, permitiram o acesso de uma massa consumidora (crítica ao processo ou não) aos processos e discussões que permeiam tais dispositivos. Tal fato vem gerando conteúdo compartilhado e feito surgir ilhas artificiais de comunidades autoctones, que transformam o meio de objetos técnicos em dispositivos cada vez mais fora do agenciamento das indústrias e empresas de comunicação. Um fenômeno semelhante ao que Wilém Flusser (1985) apontara décadas antes, que se espalhou para fora dos centros universitários e setores outros governamentais. Se faz necessário, porém, observarmos a que ponto estamos no processo de formação de uma cultura digital legitimada pelas trocas, ou inseridos em uma prática segregada e assimilada pelo capital cultural, o qual Bourdieu examinara.

As redes digitais, as ondas de rádio livre e estações piratas, os novos formatos de documentários ativistas, as *raves*, os *blogs*, *flashmobs*, distribuição de mídia livre e *copyleft* e outros ciberativismos marcaram as últimas duas décadas com a presença Global, em prol de algo que resistisse, como a cidade de CHRISTIANIA (Dinamarca, base militar abandonada e ocupada em 1971 até 2003) ou breve como uma passeata antiglobalizante ou a produção de *Guaraná Power* na Amazônia pelo coletivo Superflex. A urgência ultrapassou as ruas, ganham o ciberespaço, a linguagem de programação, nossa (nova) forma de redesenhar os relacionamentos, de maneira a abolir as fronteiras: viver a utopia pirata<sup>6</sup>.

As tecnologias compõem papéis distintos no campo artístico, servindo, para uns, como aparato espetacular de uma sociedade midiaticizada e, para outros, como ferramenta subversiva, atingindo a mesma sociedade que desenvolveu tais tecnologias. A própria descrença na internet como território livre e irrestrito se afirmou por completo após o episódio convergente do 11 de setembro e a invasão ao Afeganistão: as máquinas pessoais (*Personal Computer*) se tornaram os novos panópticos. A estratégia encontrada por diversas comunidades foi a de seguir na contramão do sistema centralizador e de controle: abrir o código, subverter a programação e distribuir o conteúdo, sem hierarquias e em ambiente de colaboração mútua e acessível. Rapidamente e disseminando em escala macro, das campanhas *open source* à arte e mídia recente, surgira uma nova subcultura, ligada em rede driblando como pode os mecanismos de controle que as máquinas e suas empresas impunham aos usuários, disseminando a cultura hackers e estratégias

---

1997).

6 (WILSON, Peter Lamborn. *Utopias PiratasÇ Mouros, Hereges e Renegados*. São Paulo: ed.

CONRAD, 2001)

de subversão no ciberespaço e além.

Interferimos no sistema *Chatroulette* por acreditarmos que, por se tratar de uma programação para comunicação entre indivíduos alhures, está passiva à inter(pret)ações. Fazemos da criação do sistema Fortuitos (Des) Encontros uma proposição desta crítica, que não se esgota na aplicação do sistema, per si. Por se tratar de uma estratégia de criação artística hacker, entendemos que o processo descrito neste trabalho não se finda em um grafismo criado por programação no intuito de findar-se como arte generativa, nem apenas no uso tático de mídias digitais alinhadas à estratégia de apropriação artística. Por um lado, exploramos a possibilidade aberta das máquinas e dos sistemas de comunicação existentes na internet, mas por outro lado, aceitamos o ruído desta operação como aquilo que Jacques Derrida apontara como *différance*, uma análise sobre a própria história da filosofia dos signos, jogo este onde estariam reunidos as demais diferenças comumente mensuradas da própria linguagem. O grau de estranheza ou familiaridade das imagens projetadas, o componente de interatividade com o meio eletrônico e com a própria projeção permite-nos jogar com espaços e tempos outros, transformando a imagem de um discurso passivo à programação dos encontros para aquele outro da realidade mista, da imagem algorítmica, das sobreposições espaço-temporais, ou seja, uma outra forma de interferir no real através das imagens luminosas.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ANDERS, Peter. **ENVISIONING CYBERSPACE**. New York: McGraw-Hill, 1999;

----- . **SINERGIAS: TECNOLOGIAS EM ESPAÇOS FÍSICOS E**

**CIBERESPAÇOS**. In: MACIEL, Katia. Redes Sensoriais: Arte, Ciência, Tecnologia. Rio de Janeiro: ed. Contra Capa, 2003, p.157-170;

ARANTES, Priscilla. **@RTE E MÍDIA: PERSPECTIVAS DA ESTÉTICA DIGITAL**. São Paulo: Editora SENAC, 2005;

----- . **EXISTE AMOR NO ABRAÇO TELEMÁTICO?** In: DOMINGES,

Diana. Arte, Ciência e Tecnologia: Passado, Presente e Desafios. São Paulo: ed Unesp, 2009;

ASCOTT, Roy e SHANKEN, Edward. **TELEMATIC EMBRACE: VISIONARY THEORIES OF ART, TECHNOLOGY, AND CONSCIOUSNESS**. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 2003;

BAUDRILLARD, Jean. **SIMULACRO E SIMULAÇÃO**. Lisboa, Relódio D'Água, 1981;

BEIGUELMAN, Gisele. **ADMIRÁVEL MUNDO CÍBRIDO**. In: BRASILA. (org.). Cultura Em Fluxo (Novas Mediações Em Rede). Belo Horizonte. Ed. PUCMinas, 2004, p. 264-282;

BOURDIEU, Pierre. **OS TRÊS ESTADOS DO CAPITAL CULTURAL**. In:

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. **ESTÉTICA RELACIONAL**. São Paulo: ed Martins Fontes, 2009;

CAVALCANTE, Vladimir Araujo. **AS MIL FACES DA LIBERDADE NA INTERNET: SOBRE DISCURSOS E PRÁTICAS**. Rio de Janeiro: 2004, Vol II.

- COUCHOT, Edmont. **DA REPRESENTAÇÃO À SIMULAÇÃO**. In: PARENTE, André (org.). **IMAGEM MÁQUINA: A ERA DAS TECNOLOGIAS DO VIRTUAL**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p.37-48;
- **O TEMPO REAL NOS DISPOSITIVOS ARTÍSTICOS**. In: LEÃO, Lucia. **INTERLAB: Labirinto Do Pensamento Contemporâneo**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p.101-106;
- **AUTOMATIZAÇÃO DE TÉCNICAS FIGURATIVAS: RUMO À IMAGEM AUTÔNOMA**. In: DOMINGUES, Diana (org). **ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PASSADO, PRESENTE E DESAFIOS**. São Paulo: UNESP, 2009, p.397-406;
- COUCHOT, Edmont; TRAMUS, Marie-Hélène; BRET, Michel. **A SEGUNDA INTERATIVIDADE: EM DIREÇÃO A NOVAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS**. In: DOMINGUES, Diana (org). **ARTE E VIDA NO SÉCULO XXI: TECNOLOGIA, CIÊNCIA E CRIATIVIDADE**. São Paulo: UNESP, 2003, p. 27-38;
- DANTO, Arthur C. **APÓS O FIM DA ARTE**. São Paulo: EDUSP, 2006;
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Felix. **MIL PLATOS: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997;
- DERRIDA, Jacques. **LA DIFFÉRENCE IN MARGES DE LA PHILOSOPHIE**. Paris: Les Editions de Minuit; Collection "Critique". 2003;
- FLUSSER, Vilém. **AGRUPAMENTO OU INTERCONEXÃO?** In: GIANETTI, Claudia. **Ars Telemática**. Lisboa, Relódio D'água, 1998, p. 21-28;
- **A FILOSOFIA DA CAIXA PRETA**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985;
- **O UNIVERSO DAS IMAGENS TÉCNICAS: ELOGIO DA SUPERFICIALIDADE**. São Paulo: Annablum, 2008.
- FOSTER, Hal. **RECODIFICAÇÃO**. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996;
- GUATTARI, Felix. **CAOSMOSE**. São Paulo: Edições 34, 1996.
- **DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**. In: PARENTE, André (org.). **IMAGEM MÁQUINA: A ERA DAS TECNOLOGIAS DO VIRTUAL**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. pag;
- GERE, Charlie. **DIGITAL CULTURE**. London, Reaktion Books, 2002;
- HIMANEN, Pekka. **THE HACKER ETHIC AND THE SPIRIT OF THE INFORMATION AGE**. London: Random House, 2001;
- HOME, Stewart. **ASSALTO À CULTURA**. São Paulo: Editora Conrad, 2005;
- HORA, Daniel. **PRÁTICAS E IDEOLOGIAS DO "HACKEAMENTO" NAS ARTES VISUAIS**. In: VENTURELLI, Suzete(org.). #8 Art: Arte, Tecnologia e Territórios Ou A Metamorfose das Identidades. Brasília, UnB, 2009,p.127-133;
- JANA, Reena; TRIBE, Mark. **NEW MEDIA ART**. Köln, Taschen, 2007;
- JOHNSON, Steven. **CULTURA DA INTERFACE**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- KELLNER, Douglas. **A CULTURA DA MÍDIA**. São Paulo: ed. EDUSC, 2001;
- LEMOS, Andre. **CIBERESPAÇO E TECNOLOGIAS MÓVEIS. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIZAÇÃO NA CIBERCULTURA**. In: ARAUJO, Deniza Correia; BRUNO, Fernanda; MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi (Orgs.). **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2007, p.277-292;
- LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**. São Paulo: Ed. 34, 1999;

- MACHADO, Arlindo. **ARTE E MÍDIA**. São Paulo: Editora Zahar, 2007;
- MELLO, Christine. **EXTREMIDADES DO VÍDEO**. São Paulo: editora SENAC, 2008;
- PARAGUAI, Luiza; CARVALHO, Agda. **ESPAÇOS SENSORIAIS HÍBRIDOS DE EXPERIMENTAÇÃO**. In: *16º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS: DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS EM ARTES VISUAIS*. Florianópolis, 2007, p.1459-1467;
- PLAZA, Julio. **AS IMAGENS DE TERCEIRA GERAÇÃO, TECNO-POÉTICAS**. In: PARENTE, André (org.). *IMAGEM MÁQUINA: A ERA DAS TECNOLOGIAS DO VIRTUAL*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p.72-88;
- PLAZA, Julio; TAVARES, Monica. **OS PROCESSOS CRIATIVOS COM OS MEIOS ELETRÔNICOS: POÉTICAS DIGITAIS**. São Paulo, Hucitec, 1998.
- STEELE, Valerie. **FETICHE: MODA, SEXO E PODER**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997;
- VATTIMO, Gianni. **O Fim Da Modernidade: Nihilismo e hermenêutica na Cultura Pós-Moderna**. São Paulo: ed Martins Fontes, 2002;
- VIRILIO, Paul. **A IMAGEM VIRTUAL MENTAL E INSTRUMENTAL**. In: PARENTE, André (org.). *IMAGEM MÁQUINA: A ERA DAS TECNOLOGIAS DO VIRTUAL*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p.127-132;
- WARK, McKenzie. **A HACKER MANIFESTO**. Cambridge: Harvard University Press, 2004;

#### **SITES CONSULTADOS:**

- AMARAL, Adriana. **Um Manifesto Hacker- propriedade intelectual, informação e comunicação na cibercultura**. (resumo comentado):  
<[http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/02/artigos/\\_Wark\\_resenha.pdf](http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/02/artigos/_Wark_resenha.pdf) >
- ROSAS, Ricardo: **Hibridismo Coletivo no Brasil. Transversalidade ou Cooptação?**  
<<http://www.chavemestra.com.br/HIBRIDISMO%20COLETIVO%20NO%20BRASIL.htm>> (visitado em 20/01/2011);

## Azucrina Records - Relatos de uma experiência com selos virtuais (netlabels)



*16:15 - Gravamos guitarras em casa.*

*17:30 - Rua da Bahia tem bastante noise.*

*??:?? -(ainda sonho com uirapurus)*

*07:15 - levanto e a realidade é punk*

Quando entendi as possibilidades eletrônicas da música, não demorou muito para me aprofundar na cultura da música eletrônica. Me interessava muito a ocupação de espaços físicos com músicas criadas em espaços virtuais, além da expansão timbrística possível com os instrumentos digitais ou analógicos manipulados eletronicamente. Depois de alguns anos fazendo festas em coletivos, casas e clubes; discotecando músicas piratas para públicos que hackeavam os costumes da tradicional família mineira, fui me cansando da transformação da cena eletrônica queer-libertina em patrocinados 130 bpm neo- techno-liberais com entrega de cartelas na saída. A cena de música eletrônica cresceu, muit@s viraram djs, outr@s djs viraram don@s de clubes e pouc@s passaram de consumidorxs digitais, piratas ou não, a produtorxs, crític@s e investigadores das possibilidades da música eletrônica faça-você-mesm@. A tirania da indústria fonográfica em relação a hierarquização do acesso pode ser contornada através de downloads piratas, entretanto, em seus outros aspectos manipuladores, segue firme e forte ditando os estilos musicais dominantes e as regras de como produzir, mixar, masterizar e tratar as produções sonoras de maneira a atropelar a experiência com produções em estúdios caseiros e softwares. Queria saber como é a musica eletrônica caseira e suas comunidades. Não a música eletrônica

da academia eletroacústica, ou a música eletrônica gringa trazida pelos dj's, ou a produzida comercialmente para levar elementos e ritmos brasileiros pra fora, ou a feita para bombar milhares de pessoas nos bailes funk.

Me aprofundi na investigação das comunidades online e sites de música eletrônica não comercial que disponibilizassem downloads gratuitos. Grande parte dos selos encontrados eram de música experimental ou de alguma maneira extrema. Oscilavam entre gêneros e tags como breakcore, digital core, noise, 8bits, extreme computer music, glitch, circuit bending, handmade electronic music, microsound, soundscape, dubstep, etc.

Ainda que tenha encontrado vários sites e selos digitais (netlabels) apenas a diferenciação do formato de disponibilização e download não eram suficientes para caracterizar a potencialidade desse universo. As mudanças tecnológicas são fatores determinantes na mudança do comportamento e o formato influi na produção do conteúdo para além apenas da distribuição do produto final.

As netlabels<sup>1</sup> são plataformas online que distribuem conteúdo musical em formatos de áudio digital como MP3, Ogg, Vorbis, FLAC ou WAV para download. Embora alguns selos virtuais surjam no contexto da passagem do formato tradicional de um selo ou gravadora para o formato de distribuição online com conteúdo pago, existem netlabels que preferem disponibilizar seu conteúdo sob licenças de compartilhamento livre com apenas alguns ou nenhum dos direitos reservados. Além das netlabels tradicionais que seguem o formato dos selos comerciais, existe uma profusão de outras que tratam seus espaços virtuais como comunidades e não somente medeiam produtorxs e consumidorxs mas se baseiam na vivência dos caminhos cruzados da cultura DIY (faça-você-mesmo) e digital. Na verdade, antes de se estabelecerem paralelas aos selos comerciais nos anos 90 e 2000, algumas práticas digitais para o que viriam a ser as netlabels já se manifestavam no submundo dos hackers e programadorxs da década de 80. A demoscene<sup>2</sup>, principal exemplo desse histórico, através de selos online com identidade própria, organização interna e listas de referências distribuía suas músicas, partituras, samples e códigos para a comunidade<sup>3</sup>.

As relações que emergem dessas redes vêm da intersecção entre a vontade de arquivar, se apropriar e re-circular o conteúdo, da prática e promoção do DIY e o favorecimento da integração entre as mídias e o fluxo de idéias. A rede é uma forte ferramenta capaz de fazer semelhantes encontrarem-se em um mundo vasto, facilita o compartilhamento de informações e a construção de conhecimento de cunho coletivo. Todavia o mais interessante é quando essas comunidades online transpõem suas relações digitais em encontros presenciais promovendo festivais, oficinas, download stations e festas de reapropriação de espaços públicos reforçando o commons (espaço

comum).

As netlabels derivam de diversas práticas da cultura DIY pré-digital, e, dessa maneira compartilham não somente músicas como informações de produção, equipamentos, circuitos, programas, programações, esquemáticos, tutoriais, stencils, posters, zines, textos, além de seus próprios manifestos. Sabemos que a difusão de uma nova tecnologia não implica na substituição das tecnologias antigas e ficamos felizes de ter vivido ou conhecido outras redes e práticas autônomas, auto geridas, people-to-people. Na verdade, redes autônomas retro-alimentativas não são novidades da cibercultura. Alguns exemplos que influenciam o netlabelism (cultura das netlabels):

### **Fanzines**

Já circulavam em feiras de ficção científica nos EUA desde 1940. São tipicamente editados por uma pessoa que desenvolve o próprio conteúdo ou uma seleção de divers@s autorxs que contribuem com publicações, editoriais, artigos, ilustrações, artes etc. O aspecto mais interessante do fanzine é que depende de pouc@s ou nenhum@ intermediári@ e nenhuma hierarquia entre a produção e consumo, entre a participação e integração d@ leit@r e produtor. Além disso as contribuições não são remuneradas e as publicações geralmente são trocadas por obras semelhantes ou contribuições para outras edições. O primeiro fanzine brasileiro foi o Ficção, criado por Edson Rontani em 1965 em Piracicaba, São Paulo. Criado em uma época que o termo que definia produção independente era boletim, o fanzine trazia textos infomativos e uma interessante relação de publicações brasileiras de quadrinhos desde 19054.

### **Mail Art**

Já na década de 1950 a Mail-Art, se consolidava como um meio de troca de objetos e publicações artísticas entre artistas norte-american@s e europexs através do sistema postal. As trocas incluíam lustrações, cartas, fanzines, carimbos, selos, estampas, entrevistas, fotos, nudez, objetos, cartões postais, falsos relatos e nomes, narrativas, partituras, poesia, etc. Uma máxima recorrente e manifestada sempre nas correspondências de Mail-Art era o termo senders-receive, ou remetentes-recebem significando que "uma pessoa não deve esperar receber mail-art a não ser que esteja disposta a participar ativamente no movimento de troca".

### **Cassette Culture**

A partir dos anos 70 e 80 principalmente se refere ao intercâmbio de fitas K7 caseiras de rock, música alternativa e experimental. Na Inglaterra e Estados Unidos o movimento teve seu ápice na era do pós-punk devendo grande parte da abrangência de sua circulação alimentadas pelos movimentos DIY e meios de divulgação associados a resenhas,

matérias e materiais disponibilizadas em fanzines, eventos, feiras e atividades autônomas.

1 Também online label, web label, digi label , MP3 label ou download label

2 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Demoscene>

3 <http://www.netaudio.es/blog/articulos/reflexion-%C2%BFque-es-un-netlabel/>

4 <http://en.wikipedia.org/wiki/Fanzine>

### **Links**

A maioria das netlabels promove a publicação desterritorializada e lança sem vínculos de nacionalidade. Em caráter de curiosidade, separamos algumas nacionais e latino-americanas, além de outras. Conheça você mesma algumas:

#### **Brasil**

Al Revés - <http://www.alreves.org/releases.php?lang=br>

Azucrina Records - <http://azucrinarecords.net/>

Chippanze <http://www.chippanze.org/>

Fine Tanks - <http://finetanks.com/musica/protomusica.html>

Fora do Eixo Distro - <http://foradoeixo.org.br/fora-do-eixo-discos>

La Petit Chambre - <http://www.myspace.com/lapetitechambre>

Menthedechat - [http://www.menthedechat.net/catalogue\\_e.htm](http://www.menthedechat.net/catalogue_e.htm)

Psicotropicodelia - <http://psicotropicodelia.com/>

#### **América Latina**

Epa Sonidos - <http://www.epasonidos.cl/>

Jacobino Discos - <http://www.jacobinodiscos.cl/>

Leerraum - <http://leerraum.ch/index.html?>

[name=http://leerraum.ch/releases/releases.html=../navigation/navreleases.html](http://leerraum.ch/releases/releases.html)

Pueblo Nuevo - [http://www.pueblonuevo.cl/pn\\_site/index.htm](http://www.pueblonuevo.cl/pn_site/index.htm)

Series Media - <http://www.seriesmedia.org/4/musica/sern.html>

Widerstand - <http://www.widerstand.org/artists/idroscalo/welcome.htm>

#### **Mundo**

Acediamusic - <http://acediamusic.org/about.html>

Audioactivity - <http://www.audioactivity.net/new/>

CockRockDisco - <http://www.cockrockdisco.com/CRD2/menu2.html>

Deathsucker - <http://www.deathsucker.org/>

Further Noise - <http://www.furthernoise.org/>

Jahtari - <http://www.jahtari.org/magazine.htm>

Lost Frog - <http://www.lostfrog.net/about/index.html>

Phonotactics - <http://www.phonotactics.info/>

Testtube - <http://testtube.monocromatica.com/about.htm>

### **Netabelism**

Netlabelism - <http://netlabelism.com/category/articles>

Netaudio.ES - <http://www.netaudio.es/blog/articulos/reflexion-%C2%BFque-es-un-netlabel/>

Phlow - [http://www.phlow.de/netlabels/index.php/Main\\_Page](http://www.phlow.de/netlabels/index.php/Main_Page)

\*Azucrina Records é um circuito de experimentação eletrônica e sonora.  
Através das redes colaborativas realizamos atividades em sintonia com transmissões ressonantes: tecnologia artesanal, ouvido ativo e desejo de ruir.

## **P2 X P2P - Cultura Digital e Movimento Social**

*Thiago Skárnio*

Tanto nas manifestações anteriores contra o aumento da passagem de ônibus, quanto em outros protestos que sofreram uma resposta violenta da Polícia Militar em Florianópolis, uma ação dos manifestantes sempre me chamava a atenção: quando eles agarravam os portadores de câmeras fotográficas e filmadoras e colocavam entre eles e a Polícia.

Sempre aos gritos de “grava, grava”.

Geralmente as pessoas que serviam de “escudo midiático” eram repórteres ligados à imprensa sindical ou vindos de iniciativas de mídia independente e comunitária. Ou seja: a não comercial, já que não são raras as vezes em que um jornalista vai até a manifestação, grava tudo, faz entrevistas, e não é publicada uma única linha.

Esse “sumiço” da pauta não se deve, necessariamente, ao pobre jornalista ou até mesmo aos seus editores. É, geralmente, influência do dono do veículo de comunicação, que por sua vez atendeu a um pedido de um anunciante, seja empresa ou governo. Mas é claro que até aí já é especulação de quem já bancou o escudo midiático um dia.

O fato é que esta postura dos manifestantes mudou um pouco. Eles continuam requisitando que os portadores de equipamentos profissionais registrem os abusos de autoridade, mas isso ao mesmo tempo em que estão gravando com suas próprias câmeras e celulares.

Com a popularização das câmeras digitais e dos celulares com filmadoras embutidas, a tarefa, privilégio ou diversão de gravar cenas de conflitos não é mais ofício exclusivo dos jornalistas profissionais ou militantes. É também dos próprios manifestantes, das pessoas que ficam mais distante, observando o “espetáculo” e, inclusive, da Polícia, que passou a empunhar câmeras filmadoras para registrar os líderes do protesto, gerando material para possíveis processos judiciais. Isso tudo além do uso de equipamentos mais discretos pelos onipresentes P2 (Policiais a paisana), que, infiltrados no meio das manifestações, gravam e transmitem em tempo real informações para os colegas. O estágio da captação de dados, sons e imagens parece estar bem resolvido tanto para a imprensa e para a polícia, quanto para a população - seja a parte dela que se manifesta, seja a que fica olhando da calçada. A grande questão é o uso que cada uma dessas partes faz do conteúdo gravado.

Enquanto a polícia e a imprensa comercial possuem claros parâmetros e definições do que fazer com as informações, os manifestantes ainda estão experimentando todo o potencial midiático proporcionado pela Cultura Digital em suas mãos.

Entende-se por “cultura digital” toda a relação humana mediada por dispositivos digitais. Com o advento das novas tecnologias e a proliferação das redes P2P (Peer-to- Peer, do inglês: par-a-par), sistemas de distribuição de arquivos, repositórios de mídias na internet, além da facilidade de divulgação que os blogs e as redes sociais como twitter e orkut proporcionam, tanto a denúncia

quando a organização dos movimentos sociais potencializou-se em escala global.

No youtube existem mais de 100 vídeos postados por cidadãos, sobre as recentes manifestações contra o aumento da tarifa do transporte coletivo em Florianópolis (somente o vídeo do SARCASTiCOcomBR do início das manifestações passou de 600 visualizações).

O Blog da Frente de Luta pelo Transporte Público de Florianópolis, coletivo que está “puxando” os atos, já passou de 10.000 visitas. Além de inúmeras fotografias publicadas no Flickr, existem várias comunidades no orkut e blogs participantes de uma cobertura colaborativa e descentralizada, mas com poucos links ou tags em comum, fator que prejudica a visibilidade manifestações nos sites de busca na web. Mais uma mostra de quanto os movimentos sociais brasileiros ainda são “novos” na rede.

### **Hacktivismo e Recombinação**

Além da publicação dos conteúdos, existem outras formas de ativismo voltados para a própria rede em ações individuais, que podem resultar em grande mobilizações, como a iniciativa do Consultor de TI, Paulo Geyer, que decidiu usar o seu computador e telefone para protestar.

Paulo começou a fazer uma série de posts em seu blog, com as mensagens de e-mail enviadas para a Corregedoria Geral da Justiça e Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal a respeito dos abusos da Polícia Militar durante as manifestações. Paulo também publicou as respostas, ou melhor, a falta delas, evidenciando o descaso dos órgãos públicos com as denúncias de violação de direitos humanos.

“Muito se fala em manifestação e ir para as ruas, mas há algo muito útil para se fazer de casa mesmo: ligações, e encher caixas de correio” explica o blogueiro, ao divulgar telefones e endereços eletrônicos das autoridades. Além de blogar, Geyer também passou algumas horas editando um artigo na Wikipedia sobre as manifestações: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifestos\\_contra\\_o\\_aumento\\_da\\_tarifa\\_em\\_Florian%C3%B3polis\\_em\\_2010](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifestos_contra_o_aumento_da_tarifa_em_Florian%C3%B3polis_em_2010) , que está prestes a ser “deletado” da enciclopédia virtual em função dos critérios questionáveis da comunidade Lusófona, que avalia os conteúdos publicado no site.

Assim como Paulo Geyer, outros cidadãos e cidadãs estão usando a rede para expressar as suas opiniões sobre os acontecimentos, seja blogando e fazendo paródias, seja compartilhando arquivos para recombinar produções e utopias.

Toda esta movimentação na WEB faz com que se fure tanto a omissão da imprensa comercial quanto a repressão dos governos e empresas. O que é mais do que o suficiente para que tentativas de controle da Internet, como a Lei Azeredo, o chamado “AI5 Digital”, e o ACTA (Acordo Comercial Anti-Falsificação) se proliferem.

Manter a rede livre e torná-la universal, em breve se tornará a militância de todas as militâncias.

Texto integrante da cobertura crítica dos protestos contra o aumento no preço da passagem do transporte público em Florianópolis em 2010

(<http://www.sarcastico.com.br/index.php?mod=pagina&id=8865>)

*Thiago Skárnio*

## O E<sup>®</sup>ANTE (FATEBOOK)

*Migracielo*

*breve ensaio do e<sup>®</sup>ante sobre as mídias sociais e seu impacto no ser humano (usuário):*

Ouçã: a música a seguir é feita apenas por um piano e o que vejo através dela são as mãos sonhadoras do pianista, às vezes concentradas, às vezes conduzidas como se ele estivesse inebriado pelo delírio. É bom escrever deixando-se levar por músicas: não sobra tempo para escolher nada, tudo o que acontece acontece sem pestanejar e a melodia torna-se então intrínseca às palavras. Isso devolve - ou clarifica - a propriedade que as palavras carregam desde cada um de seus surgimentos, que é a de serem PULSAÇÕES. As palavras são pulsações de um órgão respirante e vivo, órgão que, embora invisível, existe no corpo de todas as pessoas. As mídias sociais estimulam esse órgão pois seu sistema de comments e atualizações é muito imediatista e exige interação ininterrupta, o que incita nos usuários a INSPIRAÇÃO CONSTANTE e sua contínua manifestação em palavras (POSTS e COMMENTS). Isso explica por que a INSPIRAÇÃO anda tão valorizada entre nós como uma das formas mais confiáveis e rápidas de se obter conhecimento no mundo globalizado, sempre tão competitivo. Quem cria para si um PERFIL e se usa como forma de conhecimento faz o óbvio, e é um ser naturalmente inspirado. Afinal, quando o ar entra dentro da gente, o corpo se expande - é ou não é? Isso é a INSPIRAÇÃO. É o ar com que se sopra a VONTADE para aticá-la quando se tem a fibra de também tê-la, já que a VONTADE é puro FOGO num círio íntimo disponível a quem está vivo, FOGO brando ou violento dependendo do tipo de vento que lhe bata em cada estação que a vida atravessa. Como ritmos, estações. Como flores, fósseis: tudo dança e dura em direção às transformações do conteúdo eletrônico e digital-fotográfico dos nossos PERFIS, uma vez que a vida é deslocamento - e não tem fim. A vida viverá. Por isso eu disse uma vez, confesso que algo confuso, que vida era morte e que morte era vida. Mas - mas como asSIM? Hoje acho que eu quis dizer que como a vida não tinha fim, então a morte também não podia ter fim - e por derivar daí que o "SEMPRE" seja uma coisa só, abarcadora de todas as dimensões, palavras e corpos de galáxias, então esses estados cruciais de VIDA e MORTE deveriam portanto se equivaler de algum modo. Mas não consigo responder: para onde vai o TWITER da pessoa depois que ela morre? Fica pensando na rede? O cálculo, por exemplo, foi desenvolvido por Isaac Newton para isolar os instantes de um movimento contínuo. Pelo mesmo motivo, a interação dos USUÁRIOS com o ambiente espectral das redes sociais se dá apenas por etapas matemáticas (coitos interrompidos), sempre por meio de POSTS e COMMENTS isolados e incapazes de abarcar o movimento filarmônico do que foi dito com a melodia completa das mãos ao piano (ORGASMO). Exato-instante, explosão: não me venham com -ismos e -óides. Venham-me com discos voadores,

pode ser? Venham-me com ovos cósmicos, pelo amor de Deus. Por isso os livros de poesia caminham e perduram em direção à conquista de todos os planetas, mesmo que o dinheiro grosso dos enlatados não saia das mãos de vaca dos grandes assassinos. Mas muitos usuários se perdem pelo caminho porque muitos, embora incorporando ao seu PERFIL um volume expressivo de AMIGOS e TAGS nas PHOTOS dos OUTROS, não dizem nada. E usar palavras (PULSAÇÕES) para não dizer nada, aí já é demais. Mas nada contra o e@o. Deixemos o e@o em paz. Para dizer a verdade, ainda bem que mesmo as pessoas que afirmam que não e@am nunca acabam e@ando mais cedo ou mais tarde e com suas próprias pernas. É inevitável. E@a@e humanum est (3x). E não dá nada: todos os caminhos (inclusive os virtuais) adoram essa peculiaridade humana de E@AR, porque todos os caminhos se rejubilam com a criatividade peregrina dos seres vivos. Mas fico atento: as pessoas que atrelam o e@o a um padrão constante de acontecimento - e, às vezes, até a um padrão "wikipédico", "psicológico" - são em geral pessoas muito rígidas e por isso é preciso ter paciência com elas. Instrutivo é conversar com pessoas que utilizam muitas metáforas. Por exemplo: uma vez encontrei um homem no facebook que contava os dias para o aniversário de um de seus AMIGOS (1899 friends). Ele publicou um post que dizia assim:

NÃO PENSO EM MENTIR NADA AO  
LONGO DESSA CONTAGEM  
REGRESSIVA EMBORA ME CREIA APTO A  
TENTAR PROLONGAR O QUE ME  
ACONTECE A UMA REGIÃO IMPESSOAL  
AO PONTO DA LOUCURA DE QUERER  
DEMONSTRAR COM A VALIDADE DE UM  
TEOREMA QUE AQUILO QUE ME  
ACONTECE ACONTECE TAMBÉM A  
TODAS AS PESSOAS CAPAZES DE  
DIZER: EU.

Esse homem se chamava Terêncio (antes de Cristo).



## #SOSinternetVE: O AI 5 Digital Venezuelano não merece um Mega Não também?

*Thiago Skárnio*

Quanto mais a internet se populariza no mundo, conectando cidadãos de todas as classes, credos e outros tipos de diferenciação entre um indivíduo e outro, mais incomoda o status quo. O compartilhamento de informação e a associação de pessoas em torno de idéias e anseios são tão velhos quanto pintar em paredes ou clamar por dias melhores ao céu. A novidade é a velocidade e a exponencialização ao planeta de uma opinião, crítica ou informação individual. Velocidade esta que deixa tanto as grandes corporações quanto os governos, no mínimo, apreensivos...

Imagine o perigo que representa um consumidor ciente de seu papel em qualquer indústria? Imagine o estrago que se pode fazer com o boicote de um produto se este mesmo consumidor decidir simplesmente não comprá-lo por conta das ligações da empresa com o desenvolvimento de armas químicas? Imagine se a família, amigos e amigos dos amigos também passarem a fazer o mesmo em poucos dias porque viram as informações no orkut do individuo e concordaram?

Outros perigos decorrentes do despertar de uma sociedade em rede que ainda hiberna aos som dos programas de auditório na TV são os usos que a difusão imediata de informações pode trazer para os Governos que não nutrem muita simpatia por processos transparentes. Em função desta “ameaça” que a rede representa para as grandes corporações e governos autoritários, a internet tem sofrido ataques constantes contra a sua atual configuração.

O tal do ACTA Em escala Global, uma das iniciativas mais impactantes é o “Acordo Comercial Anticontrafação” (ACTA, em inglês Anti-Counterfeiting Trade Agreement). O ACTA é um tratado comercial internacional que está sendo negociado com o objetivo de estabelecer padrões internacionais para o cumprimento da legislação de propriedade intelectual. Este tipo de acordo, quando consolidado, dará margem a inúmeras restrições ao compartilhamento de arquivos entre os usuários da internet. A criminalização dos cidadãos conectados à rede é uma alternativa muito usada pela indústria do entretenimento através da mídia e dos seus lobbies nos parlamentos. Outras formas de censura são as ações judiciais aos provedores, forçando-os a bloquear o acesso de seus usuários a sites como o Centro de Mídia Independente, por exemplo.

No Brasil, este movimento de vigilantismo na internet é encarnado de forma mais eloqüente no Projeto de Lei No 84/99 do senador Eduardo Azeredo (PSDB). O PL (aprovado em duas comissões na Câmara em outubro de 2010) criminalizará várias práticas cotidianas na Internet, além de colocar em risco a privacidade dos internautas. A desculpa para tais projetos é sempre a

mesma: impedir o acontecimento de crimes como a pedofilia na rede; sendo que os tais crimes não acontecem na rede, mas de forma presencial em qualquer rodovia no Brasil a céu aberto todos os dias.

#### **AI-5 Digital: O Problema é moderno, a estupidez é a mesma**



Por conta do seu caráter de censura, a PL No 84/99 passou a ser chamada pelos ciberativistas de “AI-5 Digital” em referência ao Ato Institucional no 5, de 1968, quando o regime militar decidiu fechar o parlamento e acabar com a liberdade de expressão no país.

O vigilantismo na internet tem sido cada vez mais combatido no Brasil tanto pelos movimentos sociais pela democratização da comunicação (em atividade há mais de 20 anos no país) quanto pelos movimentos nativos da própria rede, associados geralmente ao Software Livre e a Cultura Digital.

#### **E para os Hermanos, nada?**

É de se estranhar que a “Ley de Responsabilidad Social en Radio, Televisión y Medios Electrónicos”, aprovada no dia 20 de Dezembro pela Assembleia Nacional da Venezuela, tenha

recebido desde então poucas e tímidas manifestações destes movimentos.

A Lei, que rege o setor de comunicações na Venezuela, apresenta várias restrições à liberdade de expressão e até criminalização dos cidadãos que, por exemplo, “incitem o ódio e a intolerância para com religiosos e políticos”. Ora, já não bastaria a proibição da incitação de ódio “da diferença de gênero, por racismo ou xenofobia” também presente na Lei?

Outra pérola presente no Artigo 28 (da proibições) do Capítulo VII do documento é a proibição de “Promover a ansiedade no público ou perturbar a ordem pública”. As possibilidades de uso do Artigo 28 da Ley de Responsabilidad Social en Radio, Televisión y Medios Electrónicos são tão grandes que talvez só a mente carente de diversão de uma autoridade obtusa poderá explorá-lo em sua totalidade.

A legislação ainda ordena que os provedores estabeleçam mecanismos para “reduzir imediatamente a transmissão de todo conteúdo proibido”. O conteúdo oficial está no seguinte endereço eletrônico: [http://www.asambleanacional.gob.ve/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=2771&tmpl=component&format=raw&Itemid=185](http://www.asambleanacional.gob.ve/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2771&tmpl=component&format=raw&Itemid=185) =es Tire as suas próprias conclusões.

Até a data de publicação deste post, este autor não identificou uma linha sequer sobre o assunto nos principais sites que tratam da democratização da comunicação no Brasil ou até mesmo da cultura digital. Já que estas medidas – nada progressistas – do governo Venezuelano fazem parte da “intensa onda vigilantista mundial vem assolando o ciberespaço”, o presidente Hugo

### **Chávez não merece um Mega Não também?**

Será que somente Julian Assange merece tuitaços, declarações presidenciais e movimentos de solidariedade dos ciberativistas brasucas? Será que temos no país um ativismo realmente dedicado à cultura livre e democratização da comunicação ou estas são apenas mais bandeiras estratégicas para interesses corporativistas?

O Venezuelanos por eles mesmos Existem muitas manifestações na Internet dos próprios Venezuelanos. Estas expressões podem ser encontradas pela hashtag #SOSinternetVE no Twitter e sites de busca. Também existe um perfil no microblog para a divulgação das informações: <http://twitter.com/SOSinternetVE>.

# Uma chamada ao Exército do Amor e ao Exército do Software

*Por Franco Berardi e Geert Lovink*

*Tradução colaborativa de: Felipe Cabral, Renato Fabbri, Iuri Guilherme dos Santos Martins, Felipe Fonseca e Naldinho Motoboy*

*A luta contra a Ditadura Econômica [1] está em erupção.*

Os chamados “mercados financeiros” e seus serviços cínicos estão destruindo os fundamentos da civilização social. O legado do compromisso do pós-guerra entre a classe operária e a burguesia progressista está longe de desaparecer. Políticas neoliberais estão cortando custos da educação e do sistema de saúde pública e derrubando o direito a um salário e uma pensão. O resultado será o empobrecimento de grande parte da população, a precariedade das condições de trabalho (freelances em alta, contratos de curto prazo, períodos de desemprego) e a humilhação diária dos trabalhadores. O efeito da crise financeira ainda poderá ser visto através da violência, com pessoas evocando bodes expiatórios [2] e expalhando raiva aos quatro ventos. Limpeza étnica, guerra civil, a obliteração da democracia. Este é um sistema que chamamos o Nazismo Financeiro: FINAZISMO.

Agora mesmo, as pessoas estão lutando em muitos locais e de muitas maneiras. O Occupy Wall Street inspirou uma mobilização em massa em Nova Iorque, que está se expandindo pelos Estados Unidos a cada dia. Na Grécia, trabalhadores e estudantes estão okupando a Praça Syntagma e protestando contra a extorsão do Banco Central Europeu, que está devastando o país. Cairo, Madrid e Tel Aviv: a lista dos movimentos de praças está proliferando. Em 15 de outubro, cidades ao redor do mundo irão [2] lotar com pessoas protestando contra o roubo sistêmico.

Será que nossas demonstrações e ocupações vão parar a máquina Finazista? Não. A resistência não vai resistir, e nossa luta não vai parar os crimes legais. Vamos ser francos, nós não vamos persuadir nossos inimigos a parar seus ataques predatórios (‘vamos lucrar ainda mais com a próxima queda’) pela simples razão de que nossos inimigos não são seres humanos. Eles são máquinas. Sim, seres humanos – gerentes, acionistas, negociadores – estão guardando o dinheiro que nós estamos perdendo, e predam os recursos que os trabalhadores produzem. Políticos assinam leis que entregam as vidas de milhões de pessoas para o Deus Todo-Poderoso do Mercado.

Banqueiros e investidores não são os verdadeiros tomadores de decisões, eles são participantes em uma economia de confusão gestual. O real processo do poder predatório se tornou automatizado. A transferência de recursos e riqueza daqueles que produzem para aqueles que não fazem nada a não ser observar os padrões abstratos de transações financeiras está embutida na máquina, no software que controla a máquina. Esqueça os governos e os partidos políticos. Estes fantoches que fingem ser líderes estão de conversa fiada. A opção paternalista que eles oferecem através de ‘medidas austeras’ enfatiza um cinismo galopante inerente aos partidos políticos: todos eles sabem que perderam o poder para o modelo de capitalismo econômico há anos. Desnecessário dizer que a classe política está ansiosa para controlar e sacrificar os recursos sociais do futuro através de cortes de orçamento para ‘satisfazer os mercados’. Pare de dar ouvidos a eles, pare de votar neles, pare de pular de raiva e amaldiçoá-los. Eles são apenas cafetões, e a política está morta.

O que deveríamos fazer? Viver com a violência Finazista, curvar-nos à arrogância dos algoritmos, aceitar a exploração crescente e o declínio dos salários? Não. Vamos lutar contra o Finazismo, pois nunca é tarde demais. Neste momento, ele está vencendo por duas razões. Primeiro, porque

perdemos o prazer de estarmos juntos. Trinta anos de precariedade e competição destruíram nossa solidariedade social. A virtualização das mídias destruiu a empatia entre os corpos, o prazer de tocar o outro e o prazer de viver no espaço urbano. Perdemos o prazer no amar, por muito tempo devotado ao trabalho e às exigências virtuais. [ 3 ] O grande exército do amor tem que acordar. Segundo, porque nossa inteligência tem sido submetida ao poder dos algoritmos em troca de um punhado de dinheiro de merda e de uma vida virtual. Por um salário miserável quando comparado aos lucros dos chefes de corporações, um pequeno exército de softwaristas estão aceitando a tarefa de destruir a dignidade humana e a justiça. O pequeno exército de programadores tem que acordar.

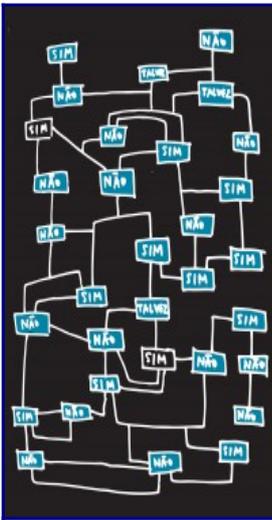
Há apenas uma maneira de acordar o amante que está escondido em nossos paralisados, assustados e frágeis corpos virtualizados. Há apenas uma maneira de acordar o ser humano que está escondido na vida diária miserável do softwarista: tomar as ruas e lutar. Queimar bancos é inútil, pois o poder real não está nas construções físicas, mas na conexão abstrata entre números, algoritmos e informação. Porém, ocupar bancos é bom como um ponto de partida para um processo de longo prazo de desmantelamento e re-escrita dos autômatos tecno-linguísticos que estão escravizando todos nós. Esta é a única política que conta. Alguns dizem que o movimento Occupy Wall Street não tem demandas claras e uma agenda. Esta observação é ridícula. Como no caso de todos os movimentos sociais, os contextos políticos e motivações são diversos, mesmo difusos ou muito frequentemente contraditórios. O movimento de ocupação não seria melhor com demandas mais realistas.

O que é emocionante agora é a multiplicidade de novas conexões e compromissos. Mas ainda mais emocionante é encontrar maneiras que podem pôr em marcha o “êxodo” coletivo da agonia capitalista. Não vamos falar sobre a “sustentabilidade” do movimento. Isto é chato. Tudo é transitório. Estes eventos de combustão rápida não nos ajudam a superar a depressão diária. Ocupar as praças e outros espaços públicos é uma forma de responder à curta duração das manifestações e passeatas. Estamos aqui para ficar.

Não estamos demandando uma reforma do sistema financeiro global ou do Banco Central Europeu. O retorno às moedas nacionais do passado, tal como requisitado pelos direitistas populistas, não irá tornar os cidadãos comuns menos vulneráveis às especulações monetárias. Um retorno à soberania do Estado também não é uma solução, e muitas pessoas já percebem isto. A demanda por mais intervenção, controle e supervisão dos mercados é um gesto desesperado. A verdadeira questão é que os humanos não estão mais no comando. Precisamos desmantelar as próprias máquinas. Isto pode ser feito de uma maneira muito pacífica. Hackear seus sistemas, publicar seus crimes através de iniciativas como o Wikileaks [ 4 ] e então deletar suas redes assassinas de negócios em tempo real, para sempre.

Mercados financeiros são feitos da política de velocidade e desterritorialização. Mas nós conhecemos suas arquiteturas e vulnerabilidades. O mundo financeiro perdeu sua legitimidade. Não há mais consenso global de que o ‘mercado’ está sempre certo. E esta é nossa chance de agir. O movimento deve responder à altura. Desativar e reprogramar o software financeiro não é um sonho de uma sabotagem ludita da máquina. Regulação do mercado não irá fazer o serviço, apenas autonomia e auto-organização dos programadores pode desmantelar os algoritmos predatórios e criar programas de auto-empoderamento para a sociedade.

O intelecto geral e o corpo social erótico devem se encontrar nas ruas e nas praças, e unidos irão quebrar as cadeias do Finazismo.



### Notas de tradução:

[ 1 ] No texto original o termo usado é “Ditadura Financeira”. No entanto, José Saramago, durante o documentário “Janela da Alma” já havia conceituado esse fenômeno como Ditadura Econômica, portanto acho mais prudente utilizá-lo aqui.

[ 2 ] É sempre importante lembrar a explicação e as implicações do significado do termo Bode Expiatório (com x). O bode expiatório era um animal que era apartado do rebanho e deixado só na natureza selvagem como parte das cerimônias hebraicas do Yom Kippur, o Dia da Expição, a época do Templo de Jerusalém. Este rito é descrito na Bíblia em Levítico, capítulo 16. Em sentido figurado, um “bode expiatório” é alguém que é escolhido arbitrariamente para levar (sozinho) a culpa de uma calamidade, crime ou qualquer evento negativo (que geralmente não tenha cometido). A busca do bode expiatório é um ato irracional de determinar que uma pessoa ou um grupo de pessoas, ou até mesmo algo, seja responsável de um ou mais problemas sem a constatação real dos fatos. A busca do bode expiatório é um importante instrumento de propaganda. Um clássico exemplo são os judeus durante o período nazista, que eram apontados como culpados pelo colapso político e pelos problemas econômicos da Alemanha. Atualmente, o uso de bodes expiatórios é cada vez mais combatido e, quanto esta tendência é levada ao seu extremo, podem ser criadas regras sociais de controle da linguagem, como no caso do politicamente correto.

[ 3 ] No caso do Brasil, vale destacar a iniciativa do Olimpicleaks ( <http://olimpicleaks.midiaticas.info> ), plataforma colaborativa para a publicação de documentos oficiais escondidos e materiais que detalham as reconfigurações do Rio de Janeiro para os mega-eventos globais, focando nos autoritários casos de remoções forçadas e ilegais. Antes escondidos, estes documentos agora estão digitalizados e disponíveis ao público

[ 4 ] Apesar de reconhecer a importância da tecnologia digital para a mobilização social, percebe-se que os autores não se desfazem do mito de que a Internet e comunicação eletrônica por si só afastam as pessoas.

## POÉTICAS

# C.o.n.t.r.a.p.o.e.m.a.d.i.g.i.t.a.l.

(m. & c.)

*pixels* provocam síndromes de afetos e idéias fragmentadas  
tecnologia são pessoas & plantas & partículas do uni.verso  
expansão existencial e produtiva  
autonomia de pensamento e expressão  
encontros de naturezas variadas  
redes socio-digitalizadas  
comunicação descentralizada  
articul.ação política rizomática  
som.ática  
sinto.m.ática  
apropri.ação dos meios de produção & di.fusão de conhecimento livre  
inter.atividade  
des.construções de espaço-temporalidades  
id.entidades multiplicadas  
dígitos tecno.polifônicos  
saberes compartilhados  
sistemas abertos & fechados – faça a sua escolha.  
produção de realidade virtual & concreta  
ruptura com as fronteiras geo.gráficas  
disparidades socio-digitais reconfiguradas  
zonas de micro.poder inter.caladas  
fluxos des.contínuos  
imaginário coletivo experimental  
teias de alteridade  
nomadismo intelectual  
variações linguísticas  
tecno-dialetos  
caoSocializado  
desejos imbricados nas múltiplas manhãs  
silêncios gotejados de expansão  
corpo-mente-poro  
para tudo que sucede sob o céu de vidas vãs  
fibra-ótica  
corpos de verbená transcrita em linhas desarmadas  
dança dionisíaca em ritmo de *bytes*  
egos pseudo-solitários

laços desterritorializados  
orgia cerebral  
alma = corpo em trânsito  
e vice-versa  
verso  
imerso  
aberto  
desperto  
no ombro de cada paixão  
triste ou alegre – faça a sua escolha.  
vi.vendo  
co.rr.endo  
am.ando  
jo.rr.ando  
part.indo cada espelho  
no rastro de palavra intumescida  
átomos em sutis explosões binárias  
códigos fonte como pontes de linguagem  
bobagem  
que agem  
veia inflacionada de tântricas razões  
na urgência de uma filosofia prática e ordinária  
força conceitual inerente ao fenômeno  
anônimo  
pseudônimo  
heterônimo  
homônimo  
que se percebe movimento  
des.toando a toda fixidez  
im.pulsos de 0 e de 1  
saravá  
*namastê*  
e amém.  
Horizonte dos tempos  
Leonardo Alonso  
No horizonte infinito  
A vista, quase se perde aflita  
Por mais uma vez te encontrar  
Fronteira dos sentimentos  
Disfarçada com os “tempos”  
Insiste em se prolongar  
Tempo passado presente  
Velha armadilha Catende  
Sant’Ana a te procurar

No contrabando da memória

O sentimento que aflora

Precisa de novo te achar

Lamento quieto, baixinho

Coração em desatino

O que faço aqui sozinho?

Vou correndo te buscar!

## Por poesia revolucionária

*Maíra Castanheiro*

Venho aqui lhes contar uma história recheada de outras histórias extraídas das íris, com leves pitadas neuróticas, com suco de palavras esdrúxulas, doses de anseios controladas, com histórias salpicadas ao molho marginal e poesias a gosto.

É bala na agulha! Sexo, drogas e rock and roll! Pode parecer clichê e démodé, mas esses temas ainda são tabus além de serem gostosos. Vá ver que é justamente por isso, pelo seu tabu imposto, por atentar o pudor e vir com outras morais e entendimentos do mundo, que eles continuam atraindo gerações e gerações! Mas apenas alguns entendem mesmo, o sentido visceral e léxico. Sexo, drogas e rock and roll! É muita bala na agulha, é pra poucos, meus caros. Não é qualquer um que agüenta mesmo não. Nem todos os punks, nem todos os beats, nem todos os marginais sobreviveram sustentando as mesmas vestes. Alguns mudaram de roupas, tomaram banho. Outros ficaram nus. Restam uns poucos que ainda se sustentam sob as mesmas vestes.

Neste artigo buscaremos entender o universo da Poesia Marginal que através da palavra seja esta escrita, dita ou vista, produziu um testemunho e uma voz de sua época. O poder da palavra. A palavra do poder. A palavra é a arma ou a bala da arma? Pólvora queima papel.

Peço-lhes licença, meus caros, para contar-lhes um capítulo esquecido (ou marginalizado?) da História Cultural brasileira. Antes irei narrar-lhes um trágico capítulo da minha história.

Em fevereiro de 2007 Salvador vivia mais uma vez, como de praxe e tradição, seu tumultuado carnaval, em meio a chuvas de confetes e chuvas que alagam a cidade.

Na velha Ribeira (bairro situado na Cidade Baixa de Salvador) várias casas tiveram goteiras devido às chuvas incessantes. Em uma determinada casa essas goteiras fizeram de vítimas alguns livros e documentos amarelados, amassados e sujos. Tentando salvar seus preciosos documentos e livros, o poeta Zeca de Magalhães, sobe ao telhado para consertar a goteira, combater o inimigo. Porém, não teve muito sucesso. Escorregou no telhado há muito molhado e caiu como o anjo que caiu do céu, bateu a cabeça e morreu.

Essa tragédia me deixou como herança alguns livros e documentos amarelados, amassados e

sujos que sobreviveram à pancada das águas.

Tomando o conhecimento do fato, o professor Dr. Antônio Liberac, também amigo do poeta falecido, me propõe pesquisar sobre o universo da Poesia Marginal, o qual o mesmo presenciou. Universo este que tem como personagens meus pais, alguns amigos e outros tantos poetas. Universo este, em que eu fui parida.

Aceitando a proposta do professor Dr. Antônio Liberac resolvi então, sob sua orientação, mexer nesses papéis sujos, amarelados e amassados. Eles fazem parte do meu acervo particular que consiste basicamente em: jornais, panfletos, poesias, pôsteres-poemas, fanzines, cartas, diários, fotos. Nessas fontes podemos encontrar temas como: descriminalização das drogas, legalização da maconha, repressão militar, racismo, feminismo, políticas de esquerda, políticas de auto-gestão, anarquismo, pornografia, etc.

E foi assim que comecei a construir essa história nos quais os personagens principais são poetas: das praças, dos hospícios, das estradas, marginais ou não, alternativos por opção ou imposição, ou ainda como consequência de suas idéias.

### **Poesia: um artefato de revolução, trabalho e linguagem**

Era o ano 1979 em pleno verão tropical quando uns poetas resolveram se juntar diariamente na Praça da Piedade em Salvador, em frente à Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia. Na hora sagrada da ave-maria: às 18 horas, com o badalar do sino da igreja lembrando à hora da missa, junto com os pedintes nas escadas da igreja e calçadas estreitas, o pôr do sol e o fim do expediente, o trânsito engarrafado nas apertadas avenidas Sete de Setembro e Joana Angélica, os poetas soltavam o verbo na praça, agora além de ser da Piedade, é também desde já a sagrada *Praça da Poesia*.

A rotina do fazer poesia na praça impulsionada por Antonio Short, Ametista Nunes, Eduardo Teles e Gilberto Costa, foi agregando cada vez mais os poetas como Geraldo Maia, o casal Margareth Castanheiro e Zeca de Magalhães, entre outros, os levando a se organizarem e a se autodenominarem como *Poetas na Praça*. Em novembro deste mesmo ano lançaram seu manifesto: *Por – Poesia Revolucionária*.

O título do manifesto já explicita a compreensão de poesia que os poetas defendem. A poesia como instrumento de revolução, como uma linguagem mais acessível ao povo que coloca em discussão os problemas do “aqui/agora”. Para os *Poetas na Praça*, o poeta e sua poesia se estabelecem numa relação interdependente, na qual a poesia está associada diretamente ao mundo do poeta, em outras palavras, o poeta se expressa a partir do que ele próprio vive, do

mundo em que ele se comunica, é necessariamente um homem do povo. Daí então a atenção deste poeta para com o povo, pois ele como povo também deve transitar no mesmo espaço dos trabalhadores. Em uma entrevista cedida ao jornalista Gilfrancisco, o Poeta da Praça Geraldo Maia justifica o lugar da poesia na praça:

*“A tomada da praça foi um ato político-poético que possibilitou o exercício da crítica, do questionamento, da discussão em torno da visão de mundo das oligarquias dominantes e do regime militar, já na fase final do seu processo de mimetismo. Os poetas se reuniam na praça para o ofício da vida, porque a mesma se encontrava ameaçada de extermínio. Guiados por uma aguçada sensibilidade e pela consciência de serem meros instrumentos do universo, saíram de suas tocas, dos antros onde a poesia era subterrânea e se juntaram na praça para contribuir na luta pela preservação da espécie”<sup>7</sup>.*

Além de ser um instrumento de revolução, a poesia é também uma ferramenta de trabalho: “nós poetas na praça / vivemos do nosso trabalho / como qualquer outro trabalhador”. E assim querem ser reconhecidos: como trabalhadores da arte que se preocupam com os problemas sociais e cotidianos, e a poesia tem de estar a serviço da mudança social e cultural. “Não se pode conceber / uma forma de arte / que carregue em sua linguagem / a análise burguesa da sociedade / ou um substituto reformista qualquer”.

Em *Por – Poesia Revolucionária* os poetas suscitam o desejo de uma sociedade mutualista, que tem por princípio a solidariedade e a coletividade, ao passo que, vivem sob uma sociedade baseada num *capitalismo liberal selvagem* e sob a vigência de uma ditadura militar repressora e opressora. Diante disso,

*“o movimento Poetas na Praça / existe / a partir de uma necessidade / concreta / de mudar essa realidade / porque ela não satisfaz as necessidades de cada ser humano / para viver como tal / em qualquer parte do mundo do universo”.*

Os *Poetas na Praça*, todavia não compartilham com os partidos de esquerdas, acusando-os de reduzirem “a luta revolucionária / a uma simples luta / por ascensão de classe / mas não das ideias”. Propõem uma sociedade sem Estado, contra o autoritarismo, a censura e a ditadura, em suma, uma sociedade anarquista.

---

<sup>7</sup>GILFRANCISCO, 2006: 23.

O *manifesto* apresenta críticas à Fundação Cultural do Estado da Bahia acusando-a de usar mecanismos burocráticos para dificultar a comunicação / relação entre os “trabalhadores da arte” e o Estado e de contribuir para manter os privilégios da elite burguesa. A estética e a linguagem, a mensagem poética destes poetas, não correspondem aos valores estéticos do mercado editorial literário e muito menos se enquadram nas normas da “academia brasileira de letras”. Portanto,

*“com esse objetivo / o movimento Poetas na Praça / propõe à comunidade / que a Fundação Cultural da Bahia / seja autogerida / pelos trabalhadores das artes / a fim de que nós possamos encontrar / por nós mesmos / as verdadeiras soluções / para as nossas necessidades / de vida e trabalho”.*

E assim, o Movimento Poetas na Praça pretendia continuar uma luta por uma sociedade libertária tendo como suporte principal a arte, um artefato de *Revolução, Trabalho e Linguagem*. Os integrantes deste movimento realizaram uma série de práticas pela promoção e incentivo da poesia. Uma poesia que representasse as angústias e as necessidades de um povo marginalizado. Estas práticas não se limitavam apenas à produção de livros e recitais, em algumas oportunidades os poetas enfrentavam as autoridades públicas para expor-lhes a realidade do povo.

### **“Nós somos a geração de março”**

Salvador, seis de março de 1986. Era uma quinta-feira. O *jornal do Brasil* em seu primeiro caderno, na página dois, publica uma nota sobre a visita do presidente do Brasil, José Sarney, na capital da Bahia. Este é surpreendido pelo poeta e ator Geraldo Maia. A pequena nota conta que o poeta segurou o presidente José Sarney pelos ombros e soltou os seguintes versos do poema *Nós somos a geração de março*:

Nós somos a cria da censura / Funcionários da tortura / Frutos do absurdo / Que são todas as ditaduras / Nós somos a raiz do mal / O radical doente / Mas, apesar de nós, essa loucura, somos de repente / A cura / A cura / A cura <sup>8</sup>.

O presidente José Sarney apenas responde: “Demência santa” <sup>9</sup>. Estes versos verbalizados pelo poeta revelam a angústia de uma geração fruto de uma dura e violenta repressão do golpe militar de 1964. E esta ditadura criou o seu próprio inimigo, “nós somos a raiz do mal / o radical doente”,

---

<sup>8</sup>Versos extraídos do poema “Nós somos a geração de março”, publicado no livro *canto de rua* (1986) do poeta Geraldo Maia.

<sup>9</sup>Esta nota publicada no *Jornal do Brasil* de 6/03/1986 foi xerocada e publicada no livro de poesia *Kanto d rua* do poeta Geraldo Maia (1986).

que não irá mais tolerar a censura, a violência e a repressão. Ao se afirmar como “a raiz do mal / o radical doente”, o poeta parte para o embate e contra-ataca. Entretanto, o poeta diz que “apesar de nós, essa loucura, somos de repente, / A cura / A cura / A cura”, ou seja, o poeta deposita em sua própria geração a esperança e a responsabilidade de continuar uma luta.

Um mês depois deste encontro com o Presidente, Geraldo Maia lança seu livro independente *kanto d rua*. Editado pelo Movimento Poetas na Praça em parceria com o Art Delírio Noturno<sup>10</sup>, um outro movimento poético onde se destaca o poeta carioca Zeca de Magalhães. O livro *kanto d rua* é uma prática que ilustra todo um sentido de poesia, arte e poeta, que estes “trabalhadores das artes” irão defender. Já na apresentação do livro escrito pelo poeta Zeca de Magalhães, podemos encontrar alguns destes elementos: uma linguagem estética que contrapõe as normas cultas e o uso da poesia como arma.

*Canto de rua é de repent o encontro dos cantos q se encontravam  
no poeta cantor de calçadas, praças y ruas, que joga na kra da  
gent seu poema universal, cantado nas línguas d toda uma amérik  
amarguarda, d todo poema d esperança e luta.*

Como foi visto no *Manifesto Por – Poesia Revolucionária*, o poeta se apresenta como povo para o povo. Mesmo nessa tentativa de se igualar ao ‘povo’, há uma distância entre este e o poeta. O poeta popular, da praça, chama a atenção do povo para sua condição: submissa e desigual perante a burguesia. A condição de ser super-explorado pelo sistema capitalista: “com todos vocês nos encontramos / na luta de todo dia / enquanto se for escravo / e outros com regalia”.

Logo, o lugar da poesia e do ‘trabalhador da arte’ é na rua, pois é nela onde se encontra o povo que compartilha “a mesma desgraça”, como revela o poema (sem título) do livro *kanto d rua* de Geraldo Maia:

*Muito bom dia senhores / reunidos aqui nesta praça / em volta das  
mesmas dores / suportam a mesma desgraça / muito boa tarde  
senhoras / de cara magra e suada / com a prestação atrasada / e  
o decomer de amargura / muito boa noite crianças / largadas na  
noite do mundo / com um buraco na pança / que a fome vai  
alargando.*

O poema termina com um ‘grito’ incitando todos à luta, relegando a poesia como algo que pertence ao povo e como algo que é criado neste: “Poesia / é a nossa arma / e vocês / são a poesia”!

---

<sup>10</sup> movimento Art Delírio Noturno era motivado pelo casal de poetas Zeca de Magalhães e Margareth Castanheiro, ambos atuavam no Rio de Janeiro participando com outros poetas de várias agitações e manifestações poéticas, produzindo diversos panfletos como o *Ato de vapor*, entre outros. Na década de 80 vêm para Bahia na qual estabelecem vínculos e relações com o Movimento Poetas na Praça.

A década de 1980 no Brasil representa um momento importante para a nossa política. Estávamos em transição de uma ditadura para a dita cuja democracia. Foram os anos primordiais do PT, que foi fundado em 1979 no mesmo ano do manifesto dos Poetas na Praça que vimos aqui.

Por uma década estes poetas gritaram e foram até presos por isso, mas isso fica para outro capítulo. Muitos continuaram gritando e poetando no seu caminho (recitando, publicando, ensinando). Alguns partiram para outro mundo, aquele que o poeta sempre versaliza. Aquele mundo que o verbo se faz carne e dela o poeta continuará se alimentando e digerindo um mundo que agora é só seu. E nós aqui da terra, não vamos adentrar. Só temos suas poesias e histórias, suas histórias que são poesias e poesias que são histórias.

Ao fim de uma década os Poetas na Praça, por vários motivos, dispersaram-se. As letras embaralharam e cada qual tomou seu abecedário e fez seu dicionário. Alguns creiam serem letras maiúsculas e que muitos outros eram minúsculas. Alguns se confundiram em ora adjetivos, ora substantivos. Poucos se fizeram de transitivos diretos, já que a maioria foi pelo intransitivo indireto. Uma coisa se sabe, esses sujeitos não eram e não são ocultos. Apenas se embaralharam em tantas interrogações e exclamações. As reticências deixavam muitas dúvidas, foi aí então, que *o pingão do i tomou uma atitude e virou ponto final*<sup>11</sup>.

Maíra Castanheira. É historiadora.

[mamairato@gmail.com](mailto:mamairato@gmail.com)



<sup>11</sup>Poema de Geraldo Maia.

## Carta aos novos navegantes - breve itinerário de uma Viagem

"Poesia/ Eu não te escrevo/ Eu te/ Vivo/ E viva nós!"

Cacaso

Brasil: Ano 1556: Dom Pedro Fernandes Sardinha, o Bisbo Sardinha, o primeiro da Ilha de Vera Cruz, é devorado, no Ceará, pelos índios caetés, antropófagos. A manhã tropical se inicia. Corte seco.

Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, início dos anos 20, descobre o Brasil. Ver com olhos livres mata a charada: Amor/Humor. Poesia pílula, piada, haicaizada. Poetas atiram pedras nos comportados caminhos. O pó parnaso é varrido, o homem de bem açoitado, o branco cristão carnavalizado: Miramar: a prosa cubista, o cinema incorporado, literatura fragmentada: o futurismo italiano desfacistizado & o cubismo francês telegrafado. Poesia pau-brasil: a descoberta das coisas

que nunca vi. A contribuição milionária de todos os erros: a fala do povo, gíria-poesia, gabinetismos

arrebetados. Macunaíma.

Intensa luta cultural: a atrasada burguesia brasuca copiadora de trejeitos franceses acha tudo um absurdo. O Estado de S. Paulo é contra (pra variar). Ah! se Pinxinguinha e Villa-Lobos tivessem mesmo se encontrado... carros na rua, postes elétricos, cinema. Bandeira xinga. Mário de Andrade

canta. Oswald tira um sarro e sai dançando um fox-trot. A Paulicéia tá desvairada.

Tarsila & o Abaporu. Oswald & Raul Bopp & Antônio de Alcântara Machado fundam a Revista da Antropofagia. Na primeira dentição, o Manifesto Antropofágico: devoração crítica do legado cultural universal: transmutação de todos os valores. Nietzsche samba. Uma nova cosmologia nacional, dialética dos trópicos, armas em punho, dentes afiados: um banquete de novas possibilidades. Serafim Ponte-Grande, no seu barco, é um necrológio da burguesia, o Movimento como Libertação. A revolução Caraíba! Como um profeta bárbaro, Oswald antecipa os anos 60, pai

da Explosão; morre em 54 e coça o nariz com a bandeira nacional.

Bomba atômica: Plano-piloto para Poesia Concreta. Paulo Leminski, no seu estilo zen-loquismo, escreveu um ensaio sobre os beatniks e os concretos. Anos 50: enquanto, nos EUA, sociedade vivendo o boom da comunicação de massa tecnológica, a poesia buscava a oralidade, era um Uivo,

um comportamento. Poetas on the road. Kerouac & Dylan. No Brasil, em processo de urbanização-

capitalismo-terceiromundista-tardio, a poesia buscava uma operação altamente intelectual, vanguardista, tecnológica. Augusto & Haroldo de Campos & Décio Pignatari & outros: o projeto

verbovicosual. O subjetivismo romântico do poeta pelo projeto do poema. Som, cores, visualidade são incorporados: poesia-neon, poesia-cartaz, poesia-objeto. A radicalidade da linguagem: a poesia

não cabe mais no papel. O debate é acalorado, a poesia concreta recria um itinerário de referências.

Oswald é reeditado.

José Agrippino de Paula, o xamã anarquista, escreve chapado de Imagens 'PanAmérica' de áfrias

utópicas, dá o start tropicalista na cabeça de Caetano – junto com os terremotos sensoriais do rei da

vela Zé Celso & Glauber Rocha (a Terra continua em Transe!) – e escreve sua bíblia pop-lisérgica sobre o parque industrial da sociedade de consumo planetária. PanAmérica: um tijolo sem psicologismos cujo personagem principal é simplesmente um 'Eu' reiterativo que dirige uma megasuperprodução hollywoodiana: “A Bíblia”. Saquem este trecho: “A multidão colorida e caótica atravessava os portões e se introduzia desornadamente nas esteiras rolantes e era transportada imóvel e curiosa para perto da cúpula de vidro onde se encontravam dois testículos gigantes. Um grande número de cabeças conversava entre si trocando impressões sobre os enormes testículos, e

alguns retiravam as suas máquinas fotográficas e binóculos quando a esteira rolante os conduzia para a cúpula de vidro iluminada pelas luzes amarelas, verdes, vermelhas”. Cinematográfico, violento e visceral. Ficção contracultural brasileira.

Aí Bethânia vê Roberto Carlos e conta pro mano. Rock dum lado, bossa-novistas do outro e a multidão careta fazendo passeata contra a guitarra elétrica, pela família & o escambau. Uma noite em 67 chega: Alegria, Alegria e sua câmara na mão godardiana & Domingo no Parque e sua montagem eisensteiniana. Ruptura total. Geléia geral. Oiticica assassina o museu, Bressane & Sganzerla & Helena Ignez deslimitam a Tela. Rogério Duarte, tropicaos. Medaglia & Duprat desorquestrando o Som. Que tudo mais vá pro inferno, meu bem! Desbunde transcendental. O Kaos. Geração AI-5 reinventando a política e a arte. O pau comendo. O mundo em chamas! Violãozinho é o caralho! Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha e se esculhamba.

Tropicália: o Manifesto Antropofágico em forma de canção. O movimento em forma de disco.

Roupas coloridas, sexo livre, Brasil futurista. Não temos tempo de temer a morte. Tropicália lítero-musical: Wally & Macalé & Gal: fusão de poesia & vozes. Caetano & Campos: experimentalismo concreto-sonoro-visual. Gil & Torquato: A alegria é a prova dos nove. Tom Zé & Mutantes: o caipira é o novo astronauta. Mário Pedrosa: estamos condenados à modernidade. AntroPOPfágico.

O Brasil na porrada: a juventude universitária nacional-popular pseudo-marxista proíbe o É proibido proibir. Já imaginou quando eles chegarem ao poder? Godard aponta sua câmara-revólver.

Torquato se mata. O sonho acabou, quem não dormiu no sleeping-bag nem sequer sonhou.

De volta à poesia: quem não foi pro exílio ou pra luta armada ou morreu ou pirou. Entra em cena a

tecnologia chinela dos poetas marginais: moços e moças cabeludas um pouco de bode com o cerebrismo dos concretos e, no meio do chumbo militar, fazendo sua revolução do corpo & da mente, começam a rodar seus poeminhas coloquiais sobre tudo & todos em mimeógrafos, e tudo à

mão, sem mãe-editora, saem às ruas vendendo em bares, por aí. - Isso não é poesia!, berrou tímido o

crítico chato de mãos dadas com o doutor da universidade resguardada; Cacaso assoviou, Ana C. escreveu uma carta, Chacal na praia, Roberto Piva, mandou tudo é pra puta que pariu: 20 poetas &

outros tantas e tantos espalhados por aí. Heloísa Buarque te explica; taí pra baixar. Mimeografo generation pros íntimos, poesia marginal pra história: hippies de atitude punk. A poesia na boca do povo.

Tudo ao mesmo tempo agora I: Poesia concreta/prosa caótica/ótica futura/samba-rap/chiclete com banana. Glauco Matoso e Arrigo Barnabé! Tudo vira pós-moderno. Como ter parâmetros?

Precisamos deles? Quem sou eu?

Coletivos se (des)organizam.

Nuvem Cigana: um grupo de criação que editava poesia, fazia teatro e tinha bloco de carnaval e time de futebol: eventos performáticos, multimidiáticos & libertários enquanto se esperava a anistia ampla, geral e irrestrita. Tudo em volta da Palavra. A poesia segue seu curso além-livros. O Nuvem

prepara o terreno pra outras paradas, os exilados voltam, os beats são editados no Brasil e as editoras Brasiliense e L&PM formam gerações de leitores com seus livros de bolso. Literatura rock'n'roll: cazuza lendo ginsberg; o Asdrúbal trouxe o Trombone? Coletivos teatrais, a Palavra no palco.

Fausto Fawcett aparece, o robô efêmero chega com suas loras heavy metal, cyberpunk tropical de camisa florida de Copacabana. Cinema-musical-literário-teatral e vice-versa. Óperas pop. Alta-baixa cultura, periferia-centro: dualidades aterrorizadas e assassinadas pelo bárbaro tecnizado Fawcett, ficção científica na praia, corpos nus plugados nos subterrâneos da estratosfera, mitos nas

ruas. Kátia Flávia é a nova Capitu.

Prosa e poesia dum país aprendendo a brincar de ser livre: Reinaldo Moraes, Márcia Denser, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll, uma geração aprendendo a viver no limite. Um certo hedonismo desencanado. Tanto Faz. Mundo, poesia e seres pós-utópicos. Acabaram-se os projetos?

Brasil: Anos 2.000: Parabolicamará é presente. Rizoma.net.

Aparecem os novos escritores, os coletivos, os blogs, os famosos e-zines, as pequenas editoras: Livros do Mal, Ciência do Acidente, Edições K, Baleia, & etc, as revistas virtuais e físicas: o do-it-yourself repaginado. Do it together. Projetos internéticos, discussões sobre a necessidade do livro em papel. Fetichismo de escritor? Alguns migram pra grandes editoras e partem pra Flip. A Web 2.0

agora pauta.

Enquanto isso: saraus na negritude das perifas vivenciando poetas, formando públicos. Sérgio Vaz

explodindo petardos poéticos na cabeça dos centros. Rythman And Poetry enquanto coletivos & poetas dos interiores desse Brasilão sem fronteira vão tecendo – surdamente pras mídias tradicionais e estanques - arroubos de revolução. Periferias conectadas. A torre de marfim desmoronou há tempos, desce daí, senta na roda, liga o lap & ouve: Manifesto pela Cultura Digital Brasileira. Somos tod@s piratas. Somos tod@s pontos de cultura, individuais e coletivos. Cada ser

andante é uma mídia atuante.

Um mundo, no qual a internet é tão vital como água e luz, todos plugados - em casa, na rua, no celular, na lan house - com banda larga - de preferência pública! - traz à tona uma literatura desarraigada de ranços analógicos de leituras apenas em livros. A geração que nasce com uma porção de janelas abertas lê uma literatura hyperlink: as palavras deleitando-se aos olhos junto a vídeos e músicas embedados na página com o mesmo nível de importância pro ver & ouvir, sem hierarquismos estéticos, tudo intrínseco e sensual. P2Poesia: poetas-programadores. O software é a

mensagem.

Tudo ao mesmo tempo agora II: Rádios livres, softwares livres, pontos de cultura, gestões colaborativas, código aberto, midialivrisimo libertário, intervenções urbanas, mundo horizontal, economias solidárias, esfuziantes fraternidades, transgressoras sexualidades, caipiradas intergalácticas, fés dançantes.

Oswald hoje faria mixtapes: 'Tudo que não é meu me pertence' e estaria fazendo passeatas pelo matriarcado livre & a favor do ócio junto a Lautreamont, num free-style beleza: 'A poesia deveria ser escritos por todos'.

Querid@s, já é! Aquele abraço!

Leonardo Barbosa Rossato

São Carlos, Massa Coletiva, Ano 454 da Deglutição do Bispo Sardinha

# Cotidiano Sensitivo - comunidades em trânsito

Ricardo Brasileiro e Ricardo Ruiz

```
<!-- cotidiano sensitivo - comunidades em transito-->
<html>
<!-- começo dos trabalhos -->
<head>
  <meta content="text/html; charset=UTF-8" http-equiv="content-type" > </meta>
  <title>+ ++ +sensitivos+ == +</title>
  <link href="css/jquery-ui.css" rel="stylesheet" type="text/css"/>
  <script src="js/jquery.min.js"></script>

  <script src="js/jquery-ui.min.js"></script>
  <script type='text/javascript' src='js/queryLoader.js'></script>
<!-- /bin/laden -->
<!-- c'est dans le pipe -->
<style type="text/css">
  /* universos */
  body {font-size:62.5%;font-family:Courier,courier,Courier New;
background:url(images/home/background_site.jpg) no-repeat fixed top center;-
webkit-background-size:cover;-moz-background-size:cover;-o-background-
size:cover;background-size: cover;}
  .ui-dialog-title {font-family:courier, Courier New;font-weight:bolder;}
  .troncos {position:fixed;right:-1px;top:-1px;z-index:9990;}
  .borboletas {color:#94b123;opacity:0.45;-moz-opacity:
0.45;filter:alpha(opacity=45);}
  .parasitas {color:#94b123;opacity:0.45;-moz-opacity:
0.45;filter:alpha(opacity=45);position:fixed;right:0px;bottom:0px;z-index:9991;}
  /* raizes, neblinas, seivas, extratos */
  .lodos {position:fixed;right:0px;top:0px;z-index:9992;}

  .neblina0{background:transparent url(images/home/fundo_microblog.png)
no-repeat fixed top center;-webkit-background-size:cover;-moz-background-
size:cover;-o-background-size:cover;background-size:
cover;position:fixed;top:0px;bottom:0px;left:0px;right:0px;z-index:9993;}
  .seiva0{width:300px;font-size:120%;position:fixed;top:-
400px;left:50%;right:3%;background-color:#FFF;color:#000;padding:20px;border:2px
solid #ccc;-moz-border-radius: 20px;-webkit-border-radius:20px;-khtml-border-
radius:20px;-moz-box-shadow: 0 1px 5px #333;-webkit-box-shadow: 0 1px 5px
#333;z-index:9994;}
  .seiva0 h1{padding-left: 20px;border-bottom: 1px dashed #7F7F7F;margin:-
20px -20px 0px -20px;padding:10px;background-color:#3D6B21;color:#FFF;-moz-
border-radius:20px 20px 0px 0px;-webkit-border-top-left-radius: 20px;-webkit-
border-top-right-radius: 20px;-khtml-border-top-left-radius: 20px;-khtml-border-
top-right-radius: 20px;}
  a.extraseiva0{float:right;width:26px;height:26px;background:transparent
url(images/cancel.png) repeat top left;margin-top:-30px;margin-right:-
30px;cursor:pointer;}

  .neblina{background:transparent url(images/home/fundo_coque.png) no-
repeat fixed top center;-webkit-background-size:cover;-moz-background-
size:cover;-o-background-size:cover;background-size:
cover;position:fixed;top:0px;bottom:0px;left:0px;right:0px;z-index:9993;}
  .seiva{font-size:120%;position:fixed;top:-
400px;left:20%;right:44%;background-
```

```

color:#FFF;color:#000;padding:20px;border:2px solid #ccc;-moz-border-radius:
20px;-webkit-border-radius:20px;-khtml-border-radius:20px;-moz-box-shadow: 0 1px
5px #333;-webkit-box-shadow: 0 1px 5px #333;z-index:9994;}
.seiva h1{padding-left: 20px;border-bottom: 1px dashed #7F7F7F;margin:-
20px -20px 0px -20px;adding:10px;background-color:#3D6B21;color:#FFF;-moz-
border-radius:20px 20px 0px 0px;-webkit-border-top-left-radius: 20px;-webkit-
border-top-right-radius: 20px;-khtml-border-top-left-radius: 20px;-khtml-border-
top-right-radius: 20px;}
a.extraseiva{float:right;width:26px;height:26px;background:transparent
url(images/cancel.png) repeat top left;margin-top:-30px;margin-right:-
30px;cursor:pointer;}

.neblinal{background:transparent url(images/home/fundo_cotidiano.png)
no-repeat fixed top center;-webkit-background-size:cover;-moz-background-
size:cover;-o-background-size:cover;background-size:
cover;position:fixed;top:0px;bottom:0px;left:0px;right:0px;z-index:9993;}
.seival {width:400px;font-size:120%;position:fixed;top:-
400px;left:50%;right:20%;background-
color:#FFF;color:#000;padding:20px;border:2px solid #ccc;-moz-border-radius:
20px;-webkit-border-radius:20px;-khtml-border-radius:20px;-moz-box-shadow: 0 1px
5px #333;-webkit-box-shadow: 0 1px 5px #333;z-index:9994;}
.seival h1{padding-left: 20px;border-bottom: 1px dashed #7F7F7F;margin:-
20px -20px 0px -20px;adding:10px;background-color:#3D6B21;color:#FFF;-moz-
border-radius:20px 20px 0px 0px;-webkit-border-top-left-radius: 20px;-webkit-
border-top-right-radius: 20px;-khtml-border-top-left-radius: 20px;-khtml-border-
top-right-radius: 20px;}
a.extraseival{float:right;width:26px;height:26px;background:transparent
url(images/cancel.png) repeat top left;margin-top:-30px;margin-right:-
30px;cursor:pointer;}

.buraco {height:300px;overflow-y:auto;overflow-x:hidden;padding-
right:5px;}
/* estilo do aquecimento global */
.QOverlay {background-color: #000000; z-index: 9999;}
.QLoader {background-color: #CCCCCC;height: 1px;}

/* box elements */
.iris {z-index:3333;position:absolute;top:5px;right:14px;}

.slideshow {position:relative;height:350px;}
.slideshow img {position:absolute;top:0;left:0;z-index:8;opacity:0.0;}
.slideshow img.active {z-index:10;opacity:1.0;}
.slideshow img.last-active {z-index:9;}

.janelinhas {padding:4px 0 0.4px 2px;text-decoration: none;position:
relative;margin-bottom:3px;}
.janelinhas span.ui-icon {margin: 0 5px 0 0;position: absolute;left: .
2em;top: 50%;margin-top: -8px;}

.espaco-tempo {width:100px;z-
index:3333;position:absolute;right:10px;top:40px;}
.ambiente {color: #FFFFFF;font-family: Courier;font-size: 251%;font-
weight: bolder;left: 14px;position: absolute;top: 41px;width: 300px;z-index:
3333;}
/* ----- */

/** sensitivos */
#raiz0 {padding: 4px 0 0.4px 2px; margin-bottom:3px;}
#raiz1 {padding: 4px 0 0.4px 2px; margin-bottom:3px;}
#tweets ul {list-style: none; color: black; padding:0;}
</style>

```

```
</head>
<body>
<!-- portais -->

<div id="cotidiano_1" title="Comunidade do Coque - Recife / PE">
  <div id="slideshow_1">

    </div>
    <div>
      <a id="communityFeedBtnShow_1" href="#" rel="nofollow">info</a>
      <a href="/cotidianosensitivo/download/video/from/1/recent/images"
rel="nofollow">dia-a-dia</a>
    </div>
    <div>
    </div>
    <div id="cotidianoId_1" style="visibility:hidden;">1</div>

    <!-- slider dos cotidianos, aqui a idéia é selecionar um range de
imagens do json e carregar no loop a nova sequencia
    <div>
      <div></div>
    </div>
    -->
  </div>

  <div id="cotidiano_2" title="Guadalupe - Olinda/PE">
    <div id="slideshow_2">
    </div>
    <div>
      <a id="communityFeedBtnShow_2" href="#" rel="nofollow">info</a>
      <a href="/cotidianosensitivo/download/video/from/2/recent/images"
rel="nofollow">dia-a-dia</a>

    </div>
    <div>
    </div>
    <div id="cotidianoId_2" style="visibility:hidden;">2</div>
    <!-- slider dos cotidianos, aqui a idéia é selecionar um range de
imagens do json e carregar no loop a nova sequencia
    <div>
      <div></div>
    </div>
    -->
  </div>

  <div id="cotidiano_3" title="Rua do Bom Jesus, Recife/PE">
    <div id="slideshow_3">

    </div>
    <div>
      <a id="communityFeedBtnShow_3" href="#" rel="nofollow">info</a>
      <a href="/cotidianosensitivo/download/video/from/3/recent/images"
rel="nofollow">dia-a-dia</a>
    </div>
  </div>

```



```

        <div id="slideshow_6">
        </div>
        <div>
        <a id="comunityFeedBtnShow_6" href="#" rel="nofollow">info</a>
        <a href="/cotidianosensitivo/download/video/from/6/recent/images"
rel="nofollow">dia-a-dia</a>

        </div>
        <div>
        </div>
        <div id="cotidianoId_6" style="visibility:hidden;">6</div>
        <!-- slider dos cotidianos, aqui a idéia é selecionar um range de
imagens do json e carregar no loop a nova sequencia
        <div>
                <div></div>
        </div>
        -->
        </div>

<!-- troncos de falopio -->
<div>  </div>

<div>
<!-- menus .. -->
<a href="#">&nbsp;</a>
<!-- Comunities -->

        <a href="#" id="comunityButton_1" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a href="#" id="comunityButton_2" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a href="#" id="comunityButton_3" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a href="#" id="comunityButton_4" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a href="#" id="comunityButton_5" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a href="#" id="comunityButton_6" rel="nofollow">&nbsp;</a>

        <!-- Other buttons -->

        <a id="janelinhas" href="http://cotidianosensitivo.info/blog"
target="_blank">&nbsp;</a>
        <a id="raiz0" href="#" rel="nofollow">&nbsp;</a>
        <a id="raiz1" href="#" rel="nofollow">&nbsp;</a>
</div>

<div> apoio </div>
<!-- universos quânticos -->
<div id="neblina0" style="display:none;"></div>
<div id="seiva0">
        <a id="extraiseiva0" rel="nofollow"></a>
        <h1>o que se pensa...</h1>

```

```
<div id="tweets">
</div>
</div>
<!-- popups com os feeds .. -->

<div id="comunityFeedBg_1" style="display:none;"></div>
<div id="comunityFeed_1">
  <a id="comunityFeedCloseBtn_1"></a>
  <h1>Comunidade do Coque - Recife / PE</h1>
  <!-- loop nos feeds .. -->

  <div id="feedContent_1">
  </div>
  <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/coque"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #coque</a>
  </div>

  <div id="comunityFeedBg_2" style="display:none;"></div>
  <div id="comunityFeed_2">
    <a id="comunityFeedCloseBtn_2"></a>
    <h1>Guadalupe - Olinda/PE</h1>

    <!-- loop nos feeds .. -->
    <div id="feedContent_2">
    </div>
    <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/guadalupe"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #guadalupe</a>
    </div>

    <div id="comunityFeedBg_3" style="display:none;"></div>
    <div id="comunityFeed_3">
      <a id="comunityFeedCloseBtn_3"></a>

      <h1>Rua do Bom Jesus, Recife/PE</h1>
      <!-- loop nos feeds .. -->
      <div id="feedContent_3">
      </div>
      <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/bomjesus"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #bomjesus</a>
      </div>

      <div id="comunityFeedBg_4" style="display:none;"></div>

      <div id="comunityFeed_4">
        <a id="comunityFeedCloseBtn_4"></a>
        <h1>Teatro Tobias Barreto, Aracaju/SE</h1>
        <!-- loop nos feeds .. -->
        <div id="feedContent_4">
        </div>
        <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/ttb_aju"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #ttb_aju</a>
        </div>
```

```
<div id="comunityFeedBg_5" style="display:none;"></div>
<div id="comunityFeed_5">
  <a id="comunityFeedCloseBtn_5"></a>
  <h1>Curta-SE, Aracaju/SE</h1>
  <!-- loop nos feeds .. -->
  <div id="feedContent_5">
    </div>
  <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/curtase"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #curtase</a>
```

```
</div>
```

```
<div id="comunityFeedBg_6" style="display:none;"></div>
<div id="comunityFeed_6">
  <a id="comunityFeedCloseBtn_6"></a>
  <h1>LabDebug - Ondina</h1>
  <!-- loop nos feeds .. -->
  <div id="feedContent_6">
    </div>
```

```
  <a href="http://cotidianosensitivo.info/blog/tag/labdebugondina"
target="_blank">Ver feeds no Blog: #labdebugondina</a>
</div>
```

```
<!-- cotidiano info -->
<div id="neblinal" style="display:none;"></div>
<div id="seival">
  <a id="extraiseival"></a>
  <h1>cotidiano sensitivo</h1>
</div>
```

```
  <p>O projeto cotidiano sensitivo: comunidades em trânsito é uma
pesquisa/experimento de criação de pequenos ambientes virtuais vivos a partir da
captura e resignificação, em tempo-real, de espaços físicos reais em comunidades
do nordeste brasileiro com a produção de interfaces interativas que capturam as
sensações locais através de imagens, frequências de sinais, intensidade da luz
local e sensores que reverberam e sintetizam as informações para um site na web.
  <br />
  <br />
```

```
  Cada espaço do site destinado ao cotidiano das comunidades
levará o usuário a mergulhar numa síntese geral do que aconteceu na comunidade
nas últimas horas, com uma animação curta em stop-motion com as imagens
capturadas. a cada novo clique, novas sínteses serão processadas e
disponibilizadas no site para visualização e download.<br>o projeto tem como
objetivo propiciar o desenvolvimento de ambientes na Internet que reverberam
sínteses de sensações locais de comunidades tradicionais brasileiras com suporte
de interfaces baixo custo que transpõe o que acontece nos espaços reais em
espaços virtuais de uma forma a compilar registros interativos de várias
comunidades para a rede mundial de computadores. as interfaces implantadas nas
comunidades irão dialogar com as pessoas das comunidades e suas ações do
cotidiano, criando um ambiente de experimentação local e conectado com a rede,
provocando novas conexões em espaços físicos em diferentes locais e promovendo
troca de culturas e valores de forma interativa e autônoma.
```

```
  <br /><br />
  Encontre mais informações sobre a parte técnica do projeto <a
target="_blank"
```









=X.==XMM= .. =XXXX; ;M;X=.;M+; .  
 . +MXXXXX+X#X+M=  
 ==X.;;==M+=+. . .XXXXXX.;=X; ;+=#; ;+=;  
 . =MXMMXXXXXMM .  
 . X +=+X;==; ;= .;===. . ; ;==+==; ;=XX  
 +XX==XXXXXXXXX=;  
 ;M ;XX=====+ ;++=; ++;==+=+X  
 XXXX+XMMM.  
 +=+; . . . =. X; X;=;=XX+; ; ; ;  
 XX++XXM++  
 X=. =X; ;=. +X+; ; . +=+; ; ;  
 =MX+=+M.  
 +=XM=; ; . ; ;+++++. ; . . +; ; ; ;  
 M+=+=+M  
 . =. X. =XMX; . . =; ==;  
 ;MX+=+M; ;  
 ;  
 =XX+=+M; ;  
 =#X+=X#;  
 ;XM+=X#=  
 =M+=+XM=  
 =M++=XM=  
 =M++X+#;  
 =M+=+X#;  
 =X++=+X#;  
 =X++=X#;  
 =X++M##;  
 +MXXX#M;  
 =X+XXMM=  
 =+XM+MM=  
 =+XX+#M;  
 X++X+#X;  
 M+MM+#X.  
 .#X#XX#X;  
 .XXM+M#M;  
 ;M+M=X#M+  
 =X+#+X##X  
 MMX#M+M#M.  
 .XM+MM+MMX+  
 ;MXX+++MX+#+  
 . ; =MX++++XXMMMM.  
 . . . . . ;+++  
 +; ==XXMMXX+=XXMXMM+MXM##+; ; XXXXXX+X=XX.  
 . ; =====; ; . . . ; =++++; ; ; .

NAO VA SE PERDER POR AI

;+++++X+.  
 . +MM####MMX=;  
 =XMM#####X;  
 ;#####X=.  
 ;X#####M=  
 ;#####MXM#####M;  
 +M####MM#####+  
 M#MM#MM+=; =XM#####=.  
 =M#####MM#XXM#####=  
 .#MMMM##+; ; ; =X#M#####X.  
 =M#MMMMXMM##X+=; ; ; =##M####  
 =#++MMXMM=; ; ; =#####M##M=  
 ;M#####VXXMM#M+; ; ; ; +##MXM##=  
 ;#+; +XMM#X=; ; ; =#####M##M;







;###M###+; ; ; +#XX+XX+X==; ; ; X=; #####M  
 +#####M=X==XXXXXMM#XXM=; ; ; M##M###+  
 ;#####X+XMMM+X++; =====X=#####.  
 +#####M=++X++MMXMM+MMM=X###M##=  
 .M#####M#MXX++; ==+; =====#####M  
 X###+==+++++XXXXX#####;  
 M###MMM+XMMX==+==; ; ; ==M#####;  
 ;##M=+MM##XXX+XX+MMM##MM#M;  
 =M###MMMM#MMX=X=+###M==X###M.  
 X#+=M#####+X+X+XMM#####M  
 .M#XM#####MMMXX+M####M+; ; ##M.  
 ;MM#####+X=+M#####MM.  
 .##M#####XX#####X=M##=  
 ;#####+X#####MM;  
 +#####MMX#####MM#  
 X#####+XX#####;  
 M#####M#####M  
 M#####+X#####M  
 ;#####M  
 =#####M=X###M#####+  
 ;M##M=X#####M=M#####  
 .##### = +#####.  
 ; . X###+ +#####.  
 M####; M###+ .+##X  
 =XX= X###+  
 X####; .M#;  
 M###M  
 X###+  
 M###X  
 =###M  
 ;###X  
 M###.  
 +###=  
 +###M  
 M###;  
 #####=  
 ;###;  
 =#M###.  
 X###M  
 X#+###  
 .##M#X  
 .#X+X##  
 X##XM#;  
 ;#+=#M  
 =#X=#X  
 =#; ;#+  
 =#X; ;XM  
 +#; ;X#+  
 #X; ;+#  
 +##M##=  
 X#=#+##;  
 ;#####.  
 =#MMX#.  
 .M###=  
 #####X  
 ==.  
 .+X=

**CUIDE DO SEU COTIDIANO**

; .+X= ;

; ;####= +  
; +#####+M  
;M++  
+ .#####. =;X=  
X#####+ ;M; ;  
#####. ;X=  
X#####= MM;  
. #M#####X . = +M+  
=#MMM###MM#+ . +MM; ;X#=.  
=#MM#M#MMMM#; +M; . =#M  
=#MMMMMMMM#; XM= .M.  
=#####M#####. . +M+. #.  
#####M###X . ;MX= MM .  
+##### = .XM#X ;#=  
;=##; ; .MM+. M#.  
;M#M. M; ;#M  
;#####X ;M +# = ;  
###M#M# . .M. X#=  
X###MMMM#+ M= =#+ ;  
=#MMMMMMMM ;M+ . ; .  
X#####MMMMM## . +#X =#MM.  
+M#####MMMM###M. =M#+ .XM. .XM=  
=M##M#MM##### = ;MM; M##+  
.X#####M+==== . =M= X##M; .  
; ;#####+ . + ; ; +M= .  
. ;X#M#####MM###= . . . ; ++M#XX. =M#=  
+#####MMMM#####MM#####. .M =XX=  
X###MMMM#####MXXX=. .#+ M.  
M##MXMM##XMM. =# . XX  
;#####MMM##+ XM =####M  
MMMM##X M= . ; ; ; ; ; ; ; ; X##MM##  
#MMM###M .X+ ; M#####M=== . =M#

##M#####M.	+#;	
		=M...++++.
;M#####=. =###M=.	.M+.	
		M=
X#####=	=#####M++=	+X
		.X
+#####X	...=M###.	.=M=
		=.
+#####M	#.	MM
		.X
+###M#####M;	XM	.
		M;
X#####MMM#####=	.M	
		;M.
+##M#MMMM#####	MX	
		.#+
M#####M#####.	+X	
		+M+
X#####M#MMMM#####=	M	
		++.
#####M#MMMMM#M###M	M=	
		;
.###MMMMMMMMM#M##M	;M	
		.=
M##M#MMMMMMMMM#####M	.M=	
		+X
M##MM#M#XMM#####	.M=	
		.##MM##MMMM
M#M#M##M	;M	
		+###MMMMMM
M#####M	+X	
		+###MMMM#M
M###M##M	.M.	
		M##M##XMMM
MMM###M	++	
		#####MXMMM
M##M###X	XM	
		###MMMMMMM
MM#####=		
		###MMM#MM
#####.		
		###MMMMXMM#
#####		
		M###MMMMMM
M#####M		
		+#####XMM#
MM####;		
		.##M##M#XM
MM###+		
		+#####MM#
M###M		
		M#####MM
###M;		
		.X#####
##M;		
		=M#####
#=		
		;++++
+.		
	=	
	.=	
	X	

```

=;
=X
=#
M
X= +====
X= X#####M. ;
X =#####= =
.M X#####MM
.
=+ X##M#####M
=; ;###MMM#####+
X; M#####MM##=
+#; X#####MM##=
X#; =###M#####M
X#; X#####; =X
.X; ; ; . X#; .M#####; ;M.
.====MMX===== X#; .=MM##M####= =++==
...+XXXXXXX+.M =#; .###MMM# . . . . =MM=
;
#; .#X.M#####+ .MX.
X MX .#####MMXMMX #+.
.M+ .#= =#####MMM#+ .M.
.M +#. =#####M +#M
=X +#. =M#####M .+#M=
M. +#;MMXM#####+ .##M
=X
. . ;+#####MMM#+###++MX=;
;. =M.
.X##; =#####M ;XM;
.==. =; M.
XXXXM#X#MX= X;+######;
X##### .X
XM##MM;
;#####MMM#####MM#####+ #####;
M. =XMM=;;
+M##MM#####MMM##### =##### = .X
XX XM##M .X#####X
X##### =X
; +=+; . . ; ; =#####X; . . +=+;
#####M. =X
#####MMM#; XM#M++=.
#####MMM# =X
.M#####X#X +++++M+
#####M#MMM# ;X
+#####M##X. ;# = ;M.
M#MMMM####; X
X#####MMM###X M+
M. ;###MM####. X
.+#####MMMXXMM##; .M=
X= .###M#####M X
;#####MMMMMMMM##= =#X.
=X .#####M. ;X
;#####MMMMMMMM##### = +###+ #
X#####+ MX #X
M#####XMMM#M##= =M#X X.
+MMM=M#MMM; MX XM#M+

```

X####MMMMXMMMM##M	=M	+M	;+;+;+;+;+;+;XM##+
M#####+ +# =# ;MX.			
=###MMMMMMMM##M##;	=#.	;	.XXXMMMMMM=; +M;
##MMMM#M .#M ;#; XM;			
M####MXMXMMMM####.	X#.	MX	.+; ;#+
+#MMMM#; ;M# . M= XM+;			
.###MMMMMMMM###X	=#.	.#	X#=
+###MMMM###= .M= .+MM+.			
+###MMMMMMMM###M.	;	+X	
;MM+ . +#MMMM#X+; XM.	..;=+;		
+###MMMMMMMM###=	;	.#.	
.#M+ . +#MM#M .XX;		X++;	
M####MMMMMMMM#####.	#;		
M+ .X##XXM#####M=.X#+			;;=
###MMMMMMMM###X	#+	=.	
;+M##=#####MM##			
###M#MMMM#####M	#+	.XX	
.. M###MM###;			
X####MM#M#####.	#+		
##MMMM#;			
=#####M#####+.	+M		.==.
;=X#####M			
X#####+	+#		
MXM##MX=. . . . ;M####MMMM##+.			
X#####M=	;	+X	
;===MMMMM=MX=#####X;			
;XX##XX;	X	M;	
M###MMMM#M###X; ;			
	+	XX	
.#####;===M###MMX			
	+	;	#=
M#####+ .=XXMM#+			
	;	.M+	
=#X +####+; . ;MX.			
	X	=#	
.M#+ X#####+ ;#M=			
	..	.+M.	
.X#M. =#####+ X#M;			
		;	#M
;X###. ###MM#####. M#MX.			
		.XM+	
.###MX. +MMM#M#####. ;XM#X++=			
		+	
.X+; ###MMMM#####M .+=X=.			
		==	
.+ .###MM#MM#####+ =X=			
		;	=
=+ X###MMMMMMMM#####;			
#= M###MMMMMMMM#####M			
#. M###MMMMMMMM#####			
		=	
M M###MMMMMMMM#MM#####;			
		X	
M M###M#MMMMMMMM#####X			
		;	M
X M###MMMMXMMMM#####M			
			XM
M###MM#MM#M#####			
			+#;
;##M#MMMM#MM#M##+			

```

.MX
.#####MMMMMM#####+
XM.
M#####MMMM#MM#####+
=#;
+#####M##M###M##+
X=
;#####M#####+
.=
M#####M#M#M#####=
.=
.###M##MMMM#####.
=;
;###M#MMMMM##M
;M
X#####MMM#####+
;.
=#####M#####
=#####M###X
=M#####=
=====.
```

</div>

<!-- JQuery: <http://docs.jquery.com> -->

<script>

<!-- Simple jQuery Slideshow Script Hacking Released by Jon Raasch  
([jonraasch.com](http://jonraasch.com)) under FreeBSD license.-->

```

/*
 * Slide show functions
 */
 * slideshowId is "#slideshow_" + comunityLoadedId;
 */
function slideSwitch(slideshowId) {
    var active = $(slideshowId+' img.active');

    if (active.length == 0){
        active = $(slideshowId+' img:last');
    }

    var next = active.next().length ? active.next() : $(slideshowId+'
img:first');
    active.addClass('last-active');
    next.addClass('active');
    active.removeClass('active last-active');
}

var stopMotionsActivated = new Array();
function activateSlide(slideshowId){
    var stopMotionKey = 'stopMotion'+slideshowId;

    stopMotionsActivated[stopMotionKey] =
setInterval("slideSwitch('" +slideshowId+"')", 250);
}

function deactivateSlide(slideshowId){
    var stopMotionKey = 'stopMotion'+slideshowId;

    clearInterval(stopMotionsActivated[stopMotionKey]);
}
```

```

}

$(document).ready(function() {

    $('*[id*="cotidiano_"]').dialog({
        autoOpen : false
    });

    var comunidadeLoadedId = 0;
    $('*[id*="comunidadButton_"]').click(function() {
        //define comunidad images that will be loaded ..
        var id = this.id.split("_")[1];
        comunidadeLoadedId = id;

        var cotidianoid = $("#cotidianoid_" + id).text();

        $.ajax({
            url :
"/cotidianosensitivo/recentes/to/comunidad/" + cotidianoid + "/limit/30",
            type : "GET",
            context : document.body,
            data : "json",
            success : loadComunidadCallback
        });
        return false;
    });

    function loadComunidadCallback(response) {
        if(comunidadLoadedId != 0) {

            var slideshowId = "#slideshow_" + comunidadeLoadedId;

            //clear prev slideshow
            deactivateSlide(slideshowId);

            $(slideshowId).html(""); // reset
            $.each(response.recentImages, function(index, image) {
                $(document.createElement("img"))
                    .attr({ src: image.URL, title: 'Momento ' +
image.createdAt })
                    .appendTo(slideshowId);
            });

            // show dialog
            var boxId = "#cotidiano_" + comunidadeLoadedId;
            $(boxId).dialog('open');

            // hold close event on dialog with comunidad stopmotion
            $(boxId).bind("dialogbeforeclose", function(event, ui) {
                deactivateSlide(slideshowId);
            });

            //start slideshow
            activateSlide(slideshowId);
        }
    }

    $('#janelinhas, ul#icons li').hover(function() {$(this).removeClass('ui-
state-hover');});

});
</script>

```

```

<script type="text/javascript">
// Carrega Box. http://tympanus.net/codrops/2009/12/03/css-and-jquery-tutorial-
overlay-with-slide-out-box/
$(function() {
    $('#raiz0').click(function(){
        $('#neblina0').fadeIn('fast',function(){
            $.ajax({
                url: "/cotidianosensitivo/tweets/with/hashtag",
                type: "GET",
                context: document.body,
                data: "json",
                success: tweetsOk
            });
        });
    });
    // close dos tweets
    $('#extraiseiva0').click(function(){
        $('#seiva0').animate({'top':'-400px'},500,function(){
            $('#neblina0').fadeOut('fast');
        });
    });
    // eventos para os feeds ..
    var feedsLoadedId = 0;
    // feed request
    $('*[id*="comunityFeedBtnShow_"]').click(function() {
        var id = this.id.split("_")[1];
        feedsLoadedId = id;

        var cotidianoId = $("#cotidianoId_"+id).text();

        $.ajax({
            url : "/cotidianosensitivo/feeds/from/"+cotidianoId,
            type : "GET",
            context : document.body,
            data : "json",
            success : loadFeedsCallback
        });
        return false;
    });

    function loadFeedsCallback(response) {
        if(feedsLoadedId != 0){
            var feedContentId = "#feedContent_" + feedsLoadedId;

            if(response.feeds.length == 0){
                $(feedContentId).append("<p>Nenhum feed para
esta comunidade.</p>");
            } else {
                var content = [];
                for (var x = 0; x < response.feeds.length || x
== 4 ; x++) {
                    feed = response.feeds[x];
                    content.push('<h4>'+feed.title+'</h4><a
href="'+feed.link+'">'+feed.description+'</a>');
                }
                $(feedContentId).html(""); // reset
                $('<p/>', {

```

```

        'class': '',
        html: content.join('')
    }).appendTo(feedContentId);
    }

    // show feed window
    $('#communityFeedBg_'+feedsLoadedId).fadeIn('fast',function(){
        $('#communityFeed_'+feedsLoadedId).animate({'top':'160px'},500);
    });
}

// botoao fechar popup dos feeds ..
$('#*[id*="communityFeedCloseBtn_"]').click(function() {
    var id = this.id.split("_")[1];

    $('#communityFeed_'+id).animate({'top':'-400px'},500,function(){
        $('#communityFeedBg_'+id).fadeOut('fast');
    });
});

// o tempo das coisas
$('##luz').slider({
    range: true,
    values: [17, 67]
});

function tweetsOk(json){
    var content = [];
    for (var x = 0; x < json.tweets.length || x == 10 ; x++) {
        var tweet = json.tweets[x];
        var message = "<strong>\n"
        "+tweet.text+" \n"+</strong><br />@"+tweet.user +" em "+tweet.createdAt;

        content.push('<li style="margin-bottom:10px;">' +
message + '</li>');
    }
    $('##tweets').html(""); // reset
    $('#<ul/>', {
        'class': 'tweets',
        html: content.join('')
    }).appendTo('#tweets');

    $('##seiva0').animate({'top':'160px'},500);
}

// cotidiano info
$('##raiz1').click(function(){
    $('##neblinal').fadeIn('fast',function(){
        $('##seival').animate({'top':'160px'},500);
    });
});

$('##extraiseival').click(function(){
    $('##seival').animate({'top':'-400px'},500,function(){
        $('##neblinal').fadeOut('fast');
    });
});
}

```

```
</script>  
</body>  
</html>  
<!-- saiba mais: http://3ecologias.net -->
```

FILOSOFIAS

## **Psico-Ativismo Neodarwinista**

*Edmunda Freudina e Bráuzio Varanella*

**Resumo:** A utilização de psicoativos é encontrada em várias culturas e de formas rebuscadas em vários campos de atuação humana. Vale notar que o consumo de substâncias alteradoras do estado de consciência é também encontrado em outros mamíferos. Estas ocorrências sugerem que os indivíduos (ou as espécies) se beneficiam desta utilização. Enfim, o Psico-Ativismo Neodarwinista procura reconhecer as vantagens para a perpetuação da espécie na utilização de psico-ativos.



*“- Tenho saudades. Tenho muitas saudades.*

*- De? - perguntou Tortuga.*

*- Tudo. Bem, na verdade quase tudo, praticamente tudo.*

*- Quase? Praticamente? - perguntou Tortuga duplamente contraíndo os membros posteriores.*

*- Sim. Não tenho saudades do que aconteceu, do que foi vivido, disso estou abastado agora mesmo e desde que nasci.*

*- Então você tem saudades do que não foi, do que não aconteceu, é isso? - perguntou Tortuga.*

*- Exato. Cada escolha é a negação de todo o resto. Tenho saudades de todas as possibilidades descartadas, a maioria delas sem o mínimo de honraria.*

*- Mas isso é algo ou é quase tudo? -perguntou Tortuga.*

*- Isso é tudo menos o algo que escolhemos que é quase nada. Repare, Tortuga, a cada escolha negamos todas outras possibilidades oferecias, que são infinitas. Isso é tudo ou, caso queira ser mais justo porém menos verdadeiro, é quase tudo.”*

- **Victor Hugo**, escritor e psico-ativista francês, passagem sobre a lebre e o coelho em rascunhos pessoais (arquivos da Université Paris 8).

Embora este seja um compêndio, uma série de apontamentos em favor da permissividade ao uso de psicoativos, de antemão é necessário afirmar que há sim problemas relacionados ao uso destas substâncias. Estes problemas são menos críticos do que doenças cardíacas ou respiratórias, não há dúvida inclusive segundo os dados. Além disso, salientamos que as complicações advindas de vícios ou dificuldades cognitivas e emocionais são, por consenso de comunidades inteiras, resultantes de má orientação no cumprimento deste instinto. Com esta perspectiva, apontamos alguns dos benefícios mais valiosos e inequívocos dos estados mentais alterados, sejam eles resultado de contato com as artes, com meditação ou com substâncias psicoativas.

Começaremos com uma análise qualitativa dos algoritmos-base de inteligência artificial (IA): Hill Climbing e Simulated Annealing. Sem a necessidade de matemática explícita ou códigos avançados, as constatações relacionadas ao uso de substâncias saltam aos olhos pois nosso sistema cognitivo possui memória e possui discernimento, ou seja atribui fitness aos eventos. De forma indolor, analisaremos o esquema básico de busca por otimização. Absolutamente central ao caso são as vantagens que perturbações (ruído) efetivamente trazem a um sistema com memória e discernimento. Como isso é vantajoso para um sistema cognitivo? Da mesma forma como é utilizado em computação pelo mundo todo para otimizar situações em que os métodos analíticos - e mesmo outros métodos também matemáticos - são inócuos ou muito custosos. Dito isso, deixamos as repetições para os que as escolherem. Partimos para constatações históricas desta notável vantagem que os psicoativos apresentam a uma pessoa comum. Grandes personalidades e também desenvolvimentos científicos impulsionados pelo uso de psicotrópicos serão citados brevemente pois são numerosos.

Alguma atenção especial é merecida para os entendimentos de cunho neodarwinistas pois de fato elucidam os prós e contras, para o indivíduo e para a espécie, e em uma perspectiva racional, sobre o que foi comprovadamente benéfico. Seria uma comprovação dita científica se pudéssemos repetir o experimento. No caso especulamos evolutivamente com base em duas coisas. 1) Na constatação de que o ser humano (e até outros mamíferos) faz uso de psicoativos, a nossa evidência factual. 2) Em que evitar os mínimos locais é uma atividade melhorada com a inserção de ruído/aleatoriedade, como no caso do comportamento Simulated Annealing. Ou seja, com vistas ao uso de alteradores, apontamos a evidência de que é uma prática preservada pela evolução (i.e. benéfica para indivíduo ou espécie) e apresentamos um dos motivos pelos quais é benéfico. Outros possíveis mecanismos através dos quais a alteração do estado de consciência é algo bom e positivo são apontados ao final

## 0. Indícios evolucionaristas

- Presentes em diversas populações mamíferas.
- Presente em quase todas as culturas humanas.
- Constante da humanidade mesmo que sem ritos instituídos, infringindo leis e sem motivação transcendental ou religiosa.
- Uso mais incidente em população com grande contribuição intelectual: cientistas, artistas, políticos. Isso inclui os menos favorecidos, que colaboram na transformação do estado das coisas e portanto sua contribuição intelectual é acentuada.

Com este conjunto de evidências é razoável assumir que seja um instinto humano, inclusive instinto de outras espécies.

Sendo evidência de que é um instinto, devem haver benefícios para a espécie como um todo ou

para o indivíduo ao menos.

Os benefícios relatados são geralmente ligados a:

- Energia mental
- Melhora de quadros de demência
- Diversificação: aumento de matizes do pensamento e ideias/concepções novas
- Elementos mentais (ideias) se multiplicam e mutam viralmente, sendo exatamente eles que permitem ao ser humano sobreviver com maneiras diferenciadas, mais rebuscadas no comprimento do raciocínio e com resultados mais extravagantes, inclusive perigosos como é apontado por previsões climáticas.
- entendimento de linguagens mais sutis e inconscientes, como a corpórea e outras mais subjacentes/subliminares.
- desfazer vícios de pensamento e mesmo bloqueios mentais.
- Treinamento do córtex cerebral.
- Robustez aos pontos extremos locais: exemplificado no item a seguir.

#### 0.1. Especulações e observações usuais

- A repressão ao uso de psico-ativos leva a população a fazer uso sem critério e sem orientações mais proveitosas. Boa parte da população bebe ou usa drogas estimulantes de formas abusivas. O uso instruído leva não somente a menores riscos e abusos como a usos potencialmente benéficos para a vida mental/intelectual e até corporal.

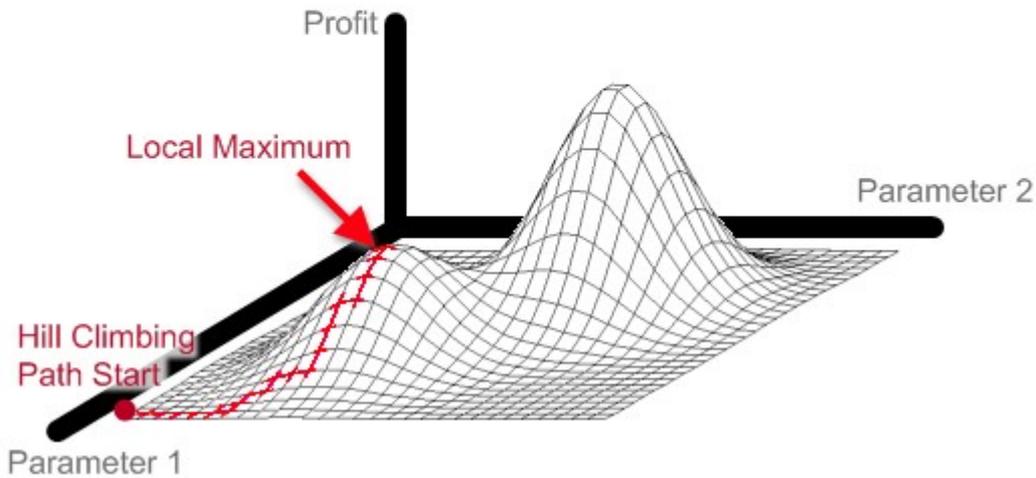
### **1. Inteligência e a evitação dos Extremos locais: *Hill Climbing* e *Simulated Annealing***

Existe um procedimento computacional simples utilizado na computação, que geralmente não é entendido como inteligência artificial. Mas que lança muita luz sobre a maneira pela qual os psico-ativos tornam o mundo mental mais robusto a extremos, a vencer bloqueios mentais e gerar novas ideias, incluindo pensar sem impedimentos ligados à tabus e convenções (sociais ou individuais). Este é o procedimento chamado Hill Climbing, em que se busca otimizar, vendo pra que la

Este funcionamento dos psicoativos é bem ilustrado na vantagem que o procedimento utilizado no 'simulated annealing' apresenta quando inserido o ruído, a perturbação do sistema.

Em palavras usuais, pode-se entender um processo de otimização como um procedimento que procura um máximo ou um mínimo. Como na figura a seguir:

The problem with hill climbing is that it gets stuck on "local-maxima"

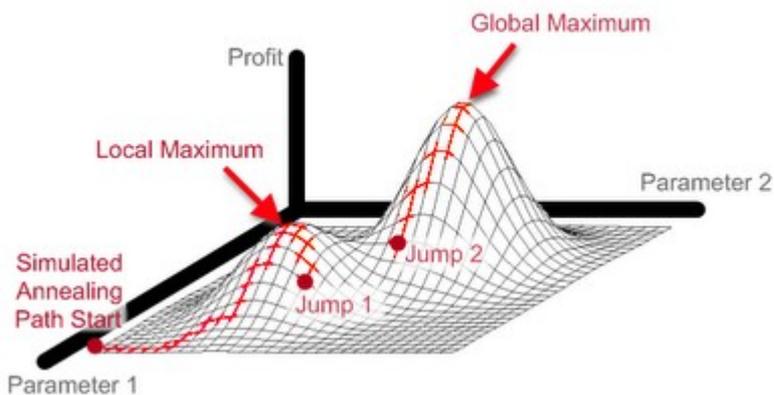


**Figura1:** Hill Climbing, uma única partícula subindo um único monte até o topo.

O problema com este procedimento é que ele não é resistente a extremos locais, note como a figura acima o morrinho é um morrinho com outro maior ao lado mas ele ficou naquele máximo local.

A solução usual para isso na prática é inserir uma perturbação de tempos em tempos. Isso não nos dá sempre o melhor resultado, mas evita que fiquemos restritos a algum máximo local.

Simulated Annealing can escape local minima with chaotic jumps



Tendo memória e discernimento (critério de melhor e pior), podemos escolher o ponto mais promissor já visitado.

O máximo ou o mínimo podem ser maiores capacidades de entendimento sobre a realidade que nos cerca, pode ser autoconhecimento, cuja recompensa é bem estar e capacitação. Um ponto extremo pode ainda ser a qualidade dos resultados atingidos em alguma atividade, como criação artística, pesquisa científica, inteligência interpessoal e emocional, etc.

## 2. Pessoas com vida e produtividade mental privilegiada, que faziam uso de substâncias psico-ativas:

- freud
- shakespeare
- cara da teoria do caos



**Ativismo Darwinista e neo-psicótico: a velha contra-cultura otimiza a parada**  
))))))\*\*\*\*\*((((((((((((((((((((((((((((((((((((((((

copiado do pad:  
<http://pontaopad.me/psico-ativismo>

**REFERÊNCIAS**

Darwin  
Vida

Fios e afetos... dimensões de que trata nossa pesquisa que, de uma imersão no universo contracultural, traça paralelos, curvas e caminhos com a emergência da Cultura Digital no Brasil.

Tecnologia, cultura e política são os elementos indispensáveis nessa análise a partir de um olhar para os caminhos da Cultura Digital brasileira, privilegiando os processos e sujeitos coletivos.

## CONTEXTOS

Como expressões da contracultura no mundo pós-guerra, duas experiências históricas destacam-se e, numa memória imediata, nos remetem aos beatniks e hippies, às experiências psicoativas e lisérgicas nos Estados Unidos, ao conhecido ano de 1968 e a Primavera que abalou o velho mundo. No Brasil, a Tropicália é o ícone da expressão contracultural.

Para pensar essas referências e experiências contraculturais, os debates que tentamos atualizar, nos levou ao olhar histórico e também à literatura e à filosofia...

A experiência beatnik nos Estados Unidos, revelou uma literatura rápida e inspirada com Jack Kerouac, Alain Ginsberg **EETC** .

Kerouac escrevia passagens longas, sem cortes espontâneas

sentado à máquina de escrever dias seguidos, energizado por anfetamina e com a mente expandida por maconha canalizando seus pensamentos e suas lembranças para os dedos e deles para as teclas da máquina.” (GOFFMAN, JOY, p. 263)

A contracultura, como experiência de uma quebra radical de continuidade na cultura em que se vive, é um choque entre conceitos irreconciliáveis de vida. Theodore Roszak a define como uma cultura tão radicalmente afastada dos pressupostos centrais da nossa sociedade que para muitos, mal parece uma cultura, assumindo, pelo contrário, o aspecto alarmante de uma irrupção barbárica. (1971, p. 64)

O contexto da contracultura que nos referenciamos tem a ameaça atômica e a possibilidade de destruição anônima e em massa nas suas perspectivas. A geração influenciada por esse contexto trouxe para o centro do debate contracultural a questão tecnológica. A **tecnocracia** trazia a ameaça de destruição e a promessa de liberdade.

A contracultura ocupa a sua posição tendo como pano de fundo

este mal absoluto, um mal que não se define pelo mero fato da bomba, mas pelo *ethos* total desta (...) Somos uma civilização mergulhada no compromisso inabalável para o genocídio, jogando insensatamente com o extermínio universal da nossa espécie. (ROSZAK, 1971, p. 68)

A filósofa Hannah Arendt, a partir da sua experiência política na Alemanha nazista, entende que a política como normatividade da convivência entre diferentes traz em si a ameaça da destruição da humanidade. A pergunta de Arendt (2007) sobre o sentido da política é feita frente às modernas possibilidades de destruição cujo monopólio o Estado detêm e que só podem ser empregadas dentro do âmbito político.

... a coisa política ameaça exatamente aquilo onde, no conceito dos tempos modernos, reside o próprio direito de existência, a saber, a mera

possibilidade de vida – na verdade, de toda a Humanidade. (ARENDR, 2007, p.40)

O preconceito contra a política surge, para Arendt, com a invenção da bomba atômica e a ameaça da Humanidade desaparecer por meio da política. Estreitamente ligada a esse medo está a esperança de a Humanidade ter juízo e, em vez de eliminar-se a si mesma, eliminar a política.

Com a juventude insatisfeita com a cultura do 'papá' e ainda assustada com as guerras, surgem questionamentos dos costumes e abre-se uma lacuna cultural, disputada pela indústria cultural, mas também ocupada pelas novas ideias contraculturais.

Inspirados por valores como o antiautoritarismo e pela defesa da libertação sexual, explorando os estados de consciência, os jovens que protagonizaram a rápida expansão da população universitária<sup>12</sup> nos anos 1960 tem, nesse período, como principal referência cultural os Estados Unidos, e política, a Europa (França).

De acordo com Goffman e Joy (2007), é na América, “nesse peculiar contexto de niilismo e jovialidade, otimismo tecnológico e poder militar excessivo”, que começa a história da contracultura na segunda metade do século XX. Na França, dizem, os jovens não tinham adotado o estilo contracultural psicodélico no mesmo grau que nos Estados Unidos. Mas apresentaram ao mundo uma cultura política radicalmente nova e contestatária.

Roszak diferencia o contexto estadunidense do europeu considerando o legado esquerdista institucionalizado que os jovens radicais da Europa tiveram.

Se a experiência da juventude americana pode auxiliar de algum modo a nossa compreensão (...), tal contributo resulta precisamente do fato de a ala esquerda do nosso espectro político ter sido sempre tão pateticamente deformada. Como consequência, os nossos jovens são, portanto, muito menos hábeis no manejo da amadurecida retórica do radicalismo do que os jovens europeus. Mas, apesar de as velhas categorias da análise social terem tão pouco para nos dizer, torna-se uma vantagem positiva enfrentar a novidade da política do papá livre de preconceitos ideológicos ultrapassados. (ROSZAK, 1971, p. 20)

O questionamentos da juventude aos costumes e padrões culturais expressava-se, principalmente, no confronto com os próprios pais. Em sua maioria eram jovens burgueses que faziam a burguesia descobrir o inimigo de classe não nas suas fábricas. *Ele estava sentado do outro lado da mesa na pessoa dos seus filhos mimados.*

No Brasil, a classe média sofre influências do fenômeno norte-americano, mas a contracultura surge em diferentes circunstâncias históricas. O período de regime militar que foi dos anos 1960 até meados de 1980 no país, marcou as resistências culturais e políticas que resistiram à censura, ao controle social e a violência militar treinada pela CIA.

A Tropicália foi o principal ponto de referência para a contracultura brasileira, no início dos anos 1970.

Com quase todas as vias de oposição política organizada bloqueadas, a juventude urbana da classe média se voltou para buscas mais pessoais e espirituais, muitas vezes recorrendo ao consumo de drogas, à psicanálise, dieta macrobiótica e religiões orientais. Como no resto do mundo, a contracultura brasileira produziu seu próprio repertório de modas e códigos

---

<sup>12</sup>Alemanha, Rússia, França, Japão e Checoslováquia igualam ou ultrapassam o aumento nos Estados Unidos, de acordo com as estatísticas da Unesco para 1950-1964

linguísticos para marcar distinções. (DUNN, 2009, p.198)

No período de alta densidade e protagonismo dos movimentos contraculturais no mundo, grande parte da referência política e cultural do Brasil, da inteligência brasileira, estava exilada.

No cenário de resistências, havia, entre os contestadores do regime, tensões ideológicas e discordâncias nas estratégias de luta. Da luta armada às metáforas das canções de protesto, essas experiências significam um dos mais intensos períodos no âmbito cultural e político nacional.

Os debates sobre o *sujeito político* expressam as questões mais críticas que conduziram mudanças na esquerda tradicional. Intensifica-se, nos anos 1960-1970, a crítica (pela esquerda) à experiência marxista. Há, também, a crítica à ideia de representação e autoridade e, por outro lado, a valorização de aspectos subjetivos da experiência política, como as questões ecológicas, ou das mulheres e dos negros.

No âmbito cultural, pode-se dizer que a música popular brasileira foi um dos pilares da resistência. O conteúdo de crítica sociocultural e política, presente na música e nas atitudes dos artistas, provocou mudanças de valores e comportamento na juventude brasileira.

A **Tropicália DEFINIR** é a própria antropofagia cultural brasileira. Embalada pelo grupo de baianos Gilberto Gil, Gal Costa, Caetano Veloso, Tom Zé, Jorge Mautner, Maria Bethânia, etc... o movimento é significativo do momento contracultural brasileiro.

A turnê dos Doces Bárbaros foi um símbolo da contracultura brasileira da década de 1970, expressando as aspirações de uma geração da juventude da classe média urbana durante a ditadura. (...) O desfecho fora de hora da turnê foi igualmente simbólico no Brasil contracultural sob o regime militar. Durante a visita a Florianópolis, os policiais invadiram os quartos de hotel dos músicos em busca de drogas ilícitas. Gilberto Gil e o baterista do grupo foram presos por posse ilegal de maconha e posteriormente internados em uma casa de saúde. (DUNN, 2009, p. 205)

## TECNOCRACIA



Thaís Brito  
Pesquisadora - Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARENDDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

DUNN, Christopher. **Brutalidade Jardim: A Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira.** São Paulo: Editora Unesp, 2009

GOFFMAN, Ken. JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de prometeu à cultura digital.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização.** Rio de Janeiro, Zahar, 1955.

ROSZAK, Theodore. **Para uma contracultura.** Lisboa: Dom Quixote, 1971

SAVAZZONI, Rodrigo. COHN, Sérgio. (Org.) **Cultura Digital Br**

## Inquisidores, Mártires, Hereges e Libertinos

### {Os Civilizados}

f?ri!

A ideologia materialista da civilização técnica evolutiva moderna ao desdobrar sua metaproductividade na globalização, urbanizou todas as experiências vitais, domesticando os instintos sagrados, encarcerando os corpos ao cálculo do progresso positivista de seu conhecer-fazer num saber-poder. Fazendo de nômades, turistas; formatando a vivência de autoprodução poética à reprodução gramática dos códigos convencionais. Estabelecendo, a partir do modelo laico capital-socialista, territorializações arbitrariamente tidas como pragmáticas sobre todos os terrenos; impôs seu jovem modelo de comunhão social a todas as culturas, agora tidas como extintas ou exibidas como arqueologias museológicas sob o rótulo 'povos originários'.

Piratas fundaram as megacorporações transnacionais de tráficos (armas, drogas, corpos, especiarias, tecnologias) que embasaram o capitalismo e hoje dão margem à hipnose da dieta mundial, ou tornaram-se corsários que obedecem aos governos no seu aparelhamento dos mares. Mendigos são catalogados e contabilizados em censos anuais e, da mesma maneira que loucos e prostitutas, passaram de protetores dos limites a aleijados do espírito analisável. Os videntes calaram-se, temendo que seus conhecimentos caíssem em mãos erradas; ou foram calados pelo descrédito e pela desinformação organizada. Cada vez mais se proíbe a pirataria de produtos e seus preços aumentam, ampliam a repressão aos moradores de rua e os preços dos imóveis aumentam, se mistifica e ridiculariza o pensamento e a intuição sensível e o preço da educação aumenta. A ideologia do paraíso perdido que sustenta esta cultura civilizatória, critica o cerne da experiência do aqui-agora e torna sua solução inalcançável para a maioria, criando um pedágio das experiências vitalizantes (tal como uma cerca ao redor de uma cachoeira).

O que resta é o feudo mundial, nascido do crescimento artificinatural da aldeia global sob o controle do pensamento racionalista. A civilização controla a cultura da espécie da mesma forma que às cidades, onde todos os meios são organizados de maneira a manter a previsibilidade dos movimentos e sua categorização. Esta série de barragens dos fluxos acabam por se aglomerar fazendo da cidade como da cultura civilizatória grandes produtoras de lixo, físico e subjetivo.

Assim, xs sujeitxs estando sujeitxs à visão objetiva e reduzindo-se a força de trabalho e consumidores de bens materiais, como um agricultor que queima parte da safra para manter uma

certa margem de lucro, a civilização mantém continuamente um holocausto silencioso de expurgo voluntário da parte de sua população insubmissa às regras hierárquicas monetárias de transpoder (micropoder em seus desdobramentos macropolíticos). Tais ritos escondem-se sob o imaginário do perigo e da criação contínua de necessidade de segurança, remete-se aqui ao medo produzido pela possibilidade de nos tornarmos piratas, mendigos ou charlatães (bodes expiatórios) e na perseguição conseqüente a isto.



A inquisição é a metodologia onde através do indagamento de perguntas chegar-se-ia a uma resposta. Das questões, soluções. Desta metodologia vimos surgir tanto a ciência moderna experimental quanto um dos mais pesados dogmas maniqueístas já vislumbrados: o Santo Ofício, que buscava a eliminação de todos os crentes numa verdade não oficial. Percebemos uma relação direta entre a ideologia tecnofetichista científica - que reduz a pesquisa das faculdades cognitivas de maneira a conduzir os processos de acordo com um interesse materialista - com esta perseguição à variedade da experiência humana - que reduz a vivência dos modos de vida por uma não aceitação da condição humana, sempre submissa às leis do tempo e da natureza. Tal ideologia inquisitiva serviu de embasamento moral para a colonização das mais distintas culturas, em prol de uma reserva de mercado de servidores, agindo contra o sincretismo religioso,

este pensamento crítico sobre a experiência religiosa. Como um exemplo, o princípio inquisidor que levou a idéia de evolução progressiva à pesquisa melhorista da música gerou também a perseguição à música popular 'profana' bem como às formas de soação não tonais. O programador teve um pesadelo onde a igreja da ciência atuando em ritos de consumo e entretenimento fez do Vale do Silício uma nova Vaticano. Editais de fomento transformam artistas em burocratas preenchedores de formulários, desarmam seus discursos e inquirem sobre cada gesto antes de sua realização. Redes de relacionamentos inquirem o que pensamos, levam a uma confissão social que interpõe a intimidade com produtos culturais. Os métodos de pesquisa das empresas de propaganda são cada vez mais científicos e bem desenvolvidos, e os cartéis de pedágio sobre a saúde ampliam seus domínios...

## Cultura Dialegetal do Contra

f?ri!

Não bastaram todos os livros ou palavras memorizáveis em cantos do peso da moeda (pound's pound), nada que não fosse alegria de viver teve valor maior que seu uso (dever utilitarista). Cultuamos o humano culto, húmus do labor à nau, até ver-lhe as florróidas enciclopêuticas envenenando o sorriso de gesto em fézes cientecníficas. Cultuamos a humilde humanidade em seus cultos de fé na massa da missa (mess games) até que esquecemos que os olhos eram sementes de atos e fizéssemos latifúndios improdutivos de nossas chacras.

Nem mesmo notar isto nos adiantou para sorrirmos e empinarmos nossas hélices sem o furor de sermo-nos. Quando postos em resistência à lógica binária, mantivemos sua paridade paraconsistente: Estávamos novamente uns contra os outros e contra nós mesmos. O nível de sucesso de uma conspiração (sub\_versão) de qualquer forma é inversamente proporcional às conspirações internas. Mas o sucesso se tornou nosso inimigo também, afinal nós éramos os filhos do império filho do império. Somos contra o amor porque ele é a arma de controle digital dos bons e dos maus, somos contra os bons por nos apiedarmos da maldade em nossa ignorância do que queremos e em nossas abstenções plenas de juízo. Cultuamos a contrariedade contínua de nossos desejos e sentidos na sensualidade da alteridade. Somos contra como falamos, quereríamos a novalíngua do polvo.

Somos também a imaginação do futuro, sua sombra de luz. Aprendemos, seja lá o que fôr, mas aprendemos e este é um império sobre os sentidos pela pedagogia. Somos os tiozões de moleques que já pensam como aparelhos, avós de minas que sentem como máquinas. Deste avesso do heroísmo, seres com a pele (religação toque) para dentro dalma e os órgãos (complexos de estratificação) expostos, quando fazemos algo de bom nos sentimos poderes imperialistas do culto à classificação (hierarquia semântica) da linguagem, e quando somos elogiados ou gratificados nos humilhamos como os piores detratores da espécie por nossas horrendas demonstrações de fragilidade. Sempre a ruir contra o sucesso porque não temos mitos ou heróis que tenham sucedido em suceder sem sucumbir aos seus próprios desejos em prol dos outros. E ainda que sabendo disto, não nos ouviríamos em nome de enterrar alguma língua já morta.

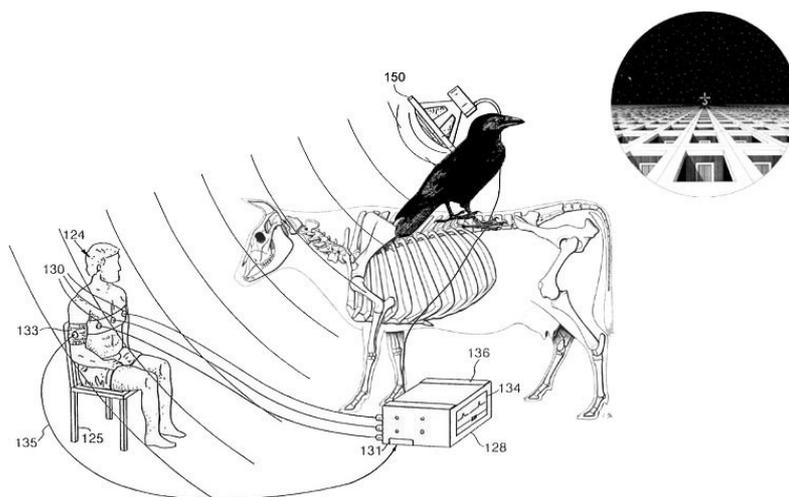
Fomos programados para ir contra o sucesso de qualquer empreitada, baseados nas premissas da continuidade inequívoca da guerra de todos contra todos. E nas ramificações naturais deste processo nos âmbitos de nossas subvivências: a vã guarda das modas de modos de atuação social do culto digital na cultura de ações e sócios; a competição das competências que embasam

o macrocoletivismo denegrindo os afetos imediatos e diretos das micrororganizações espontâneas. Negamos o tempo e a duração e por nossa admirável arrogância não queremos nos inserir como possibilidade de alguém que errou-se em si nem tampouco como mais uma escola, parte-ido, seita ou clube. Somos contra heróis, solistas, guerrilhas, os malditos gênios acorrentados como placas de rede slave a depender de suas memórias nas vaidades dos próximos. Temos vergonha de termos tido inspirações e nos chicotearemos mutuamente até que os burrocratas morram de rir em suas mansões. Contra o próximo em nome da ubiqüética.

Contra a quantificação dos valores em dígitos cultuamos uma física dos qualia. Contra os complexos de épicos e as simificações cômicas, contra-dígit forjamos uma syncomplexão e comsimplia. Uma crítica da razão metacrítica repousa no umbigo de todo fazedor de mudos, o que fala. O rolo com-im-pressor agora já imprime impressoras, como se escrevem línguas e programam programadores. Qual o papel do papel? A mão que assina o ato manchada de gangue. A resistência é a geradora da eletrocidade. O estatal é estático, ex-táctil. Somos contra a idealização da loucura e sua institucionalização, a arte; e a idealização do corpo produto e sua mercantilização, a arte. Mas só sabemos ser artistas e talvez de fato o sejamos para além de nossas escolhas e programações.

Não bastaram todas as cartas de baralho, amor e amizade dos poetas, o cânone é o canhão nas muralhas do diálogo (a praça pública). Somos contra a poesia, código do real, queríamos ler direto na natureza legislada pela matéria. Mas ainda não queremos digitar a contracultura, somos contra o trabalho e achamos a preguiça a única opção contra a entretenimentação do ócio e da vida. Somos contra o

diálogo, ligação serial das dúvidas, vírus de sistemas cognitivos. Contra o casal, a ascese, a higiene, a trindade, a suruba da série e o solilóquio da mônada mas ainda não conseguimos falar todos ao mesmo tempo e nos ouvir em paz e ciência. Quem cala consente, eu não calo (mas sou contra falar na primeira pessoa do singular). Nos almejamos rastros e dejetos. Dig it all! Contra a anarqueologia e o desespero do esquecimento cultuamos a abolição da escritura no dialeto sutil. Evacuamo-nos de qualquer coisa que nos lembre da beleza das pequenas coisas.



Contra a publicação, produção e veiculação de mais objetos de consumo cultural para a alienação da própria publicação, produção e veiculação dos processos de produção cultural.

## O homem técnico e o esquecimento do ser

Leidiane Coimbra\*

Na modernidade, quando o homem foi apreendido no modo de ser do sujeito, instaurou-se uma época em que a racionalidade seria a condutora do modo no qual o homem se colocaria diante do mundo. Sendo assim as ciências, as artes e a filosofia, assumem também o caráter de medida a partir do qual os entes do mundo, com os quais eles lidam são apreendidos e classificados. A frase tão repetida de Descartes “*Penso, logo existo*”, não quer dizer apenas a supremacia do homem em relação ao mundo. A supremacia do *cogito*, estabelecida a partir da racionalidade, refere-se também ao modo a partir do qual, o homem, o ente que pensa e por isso tem existência, se relaciona com os entes do mundo. Estes, por sua vez, são apreendidos como objetos, uma vez que são exteriores ao homem e não se inserem na categoria que determina a existência de algo, qual seja, a racionalidade. Enquanto modo de ser do sujeito, que tem a sua existência assegurada por algo que é inerente à ele próprio, ou seja, a razão, o homem só pode se relacionar com os entes no distanciamento da diferença, haja visto que estes, não são dotados de nenhuma racionalidade, o que os torna, nesta dicotomia, objetos distanciados do sujeito homem.



Embora a determinação do homem seja determinada em nossa época num único modo de ser, ponha em risco a sua essência, ela deve ser entendida como verdade, ou seja, desvelamento de ser.

A verdade em seu sentido originário significa *alétheia*, ou seja, *des-encobrimento*, *des-velamento*.

Refere-se ao movimento que conduz o que está encoberto, oculto, ao des-velamento. A verdade, nesse sentido, tem uma significação que se distingue da significação de verdade na modernidade e que ainda vigora em nossa época, qual seja verdade enquanto garantia de certeza, asseguramento do modo de ser de um ente desvelado. Ainda que apreendida como certeza e asseguramento, a verdade é um modo de ser que se desvela para o homem.

Nesse movimento, há uma relação de pertença entre verdade e ser, onde a verdade sempre se revela num modo de ser e, a partir daí, o ser se mostra num determinado modo. Este imbricamento essencial entre ser e verdade, permite que o ser se desvele em um ou outro modo e, a partir desse desvelamento, o homem se constitui na abertura segundo a qual referir-se-á ao modo desvelado de ser.

Na atual época, o ser se desvela como esquecimento. Mas de que forma? (cito Heidegger)

No esquecer não somente algo escapa de nós, mas o esquecer decai para um ocultamento, de tal modo que nós mesmos caímos no ocultamento precisamente em relação ao esquecido.<sup>13</sup>

A essência do homem é, segundo Heidegger, caracterizada de modo mais originário e positivo a partir das possibilidades de ser que lhe são inerentes. O homem é um ente que tem um certo privilégio em relação aos outros entes no mundo, porque tem um caráter de abertura, que lhe permite decidir sobre os modos de ser que assumirá como seu. O quadro na parede, o livro no chão, não se dão de outro modo por si mesmos. Embora o homem possa interferir no uso da coisa com a qual se relaciona na ocupação, e, através da manualidade atribuir a ela uma outra função diferente da que está sendo realizada, a coisa não decide acerca de um outro modo no qual ela possa ser.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger concebe o homem como *ser-no-mundo*. O homem é constituído por algo que, de antemão lhe parece exterior: o mundo. De fato, apenas parece. *Mundo*, segundo Heidegger, é o horizonte em direção ao qual o homem se dirige e encontra possibilidades de ser e de realizar um modo de ser diferente do que é. Desse modo, o mundo deve ser considerado uma estrutura essencial do homem, que está intrinsecamente ligada ao seu caráter de abertura e por isso o fundamenta. Ora, o homem é no mundo, e somente no mundo pode realizar seus modos de ser. *Mundo* é uma estrutura fundamental do homem porque o homem não é sem mundo e nem se determina sem ele.

A época tecnológica que, segundo Ivan Domingues em seu artigo intitulado *Ética, Ciência e Tecnologia*, terá um impacto mais profundo que a Revolução Industrial, sustenta o modo de ser do sujeito, atribuído ao homem na modernidade. O sujeito tecnológico, comporta-se segundo o modo do técnico, do perito, que se dispõe no mundo como um ente hierarquicamente superior porque pode dispor do mundo e pode dominá-lo, investigá-lo, explorá-lo e fazer uso dele segundo suas próprias vaidades. Entretanto, não é o caráter de dominador ou explorador do mundo que coloca o

---

13 HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Petrópolis: Vozes. 2008. p.45.

homem na iminência do aniquilamento de sua mundanidade. Mas, é pelo fato de antes, o homem já ter esquecido do ser que ele mesmo é, que ele pode ser um explorador e conseqüentemente destruidor do *mundo*, ou seja, de si mesmo, uma vez que este é fundamento essencial de sua estrutura ontológica, do seu modo de ser.

Ao se relacionar com o mundo e com os entes de tal forma, o homem determina a configuração histórica de sua época, ainda inserido na dicotomia sujeito-objeto. Nessa relação assume um modo de ser que lhe dá supremacia em relação aos entes, em detrimento de modos de ser que o coloquem numa relação de proximidade originária com o mundo e com a totalidade de entes que o cerca e o constitui, mesmo que sem seu reconhecimento. Devido ao advento tecnológico, o homem pode criar máquinas, para “facilitar” seu trabalho, para substituí-lo. Computadores, eletro-eletrônicos, robôs, são realidades de nossa época, usados em geral, para substituir o trabalho humano. Entretanto, essa demanda nunca é inteiramente satisfeita, e a apreensão do homem como máquina de trabalho é inevitável. Prova disso, são os grandes departamentos de recursos humanos. (cito Francisco Rüdiger):

A tecnologia veicula ou articula o modo de ser da humanidade, quando sua essência tende a desapropriá-la da possibilidade de pensar seu modo de ser e, assim, a bloquear o caminho que lhe permitiria dispor de outras formas de existência que não as tecnológicas e maquinísticas.<sup>14</sup>

A configuração de nossa época como tecnológica, é uma conseqüência da apreensão do homem como sujeito, que por sua vez tornou-se um modo de ser efetivamente real. A partir desta consideração é que podemos afirmar com Heidegger que a época da técnica, corresponde à época do esquecimento de que o ser se demonstra de diferentes modos porque se revela de diferentes modos.

É importante ressaltar que não é o fato de o homem ter sido apreendido no modo do sujeito que determina a época do esquecimento do ser. Mas, o fato de o homem se determinar a partir de um único modo de ser em detrimento das possibilidades de ser que lhe são proporcionadas segundo seu caráter de abertura; devido ao seu modo de ser lançado no mundo e da sua constituição fundamentada na estrutura do mundo enquanto horizonte de possibilidades. No entanto, a configuração de esquecimento é também um modo de desvelamento do ser. Assim, podemos afirmar que o ser se desvela em nossa época como esquecimento, o que justifica o fato de a decisão sobre os modos de ser do homem não acontecerem unicamente a partir da sua livre vontade.

As possibilidades de ser do homem, abrem-se com a *disposição*. Esta entendida onticamente como humor, refere-se a um modo de *ser-no-mundo*. “O estado de humor da disposição constitui,

---

14 RÜDIGER, Francisco. Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p.46.

existencialmente, a abertura mundana da presença.”<sup>15</sup> . Segundo Heidegger, o homem sempre está num humor. Sendo um caráter ontológico do homem, o humor está sempre presente, ou seja, o homem sempre está num humor. Não existe a ausência de humor, nem o controle deste pelo homem, mesmo que caiba ao homem, diante da abertura do humor uma decisão frente ao que se abre, seja na recusa ou na entrega.(cito Heidegger):

“ O humor não realiza uma abertura no sentido de observar o estar-lançado e sim de enviar-se e desviar-se.[...] a disposição abre a presença em seu estar-lançado e, na maior parte das vezes e antes de tudo, segundo o modo de um desvio que esquia.”

Nesse desvio o homem volta-se para si mesmo recusando a possibilidade aberta num determinado humor e dirigindo-se à multiplicidade de modos de ser que se abrem nesta recusa. Recusar uma possibilidade, neste sentido especificamente, significa voltar-se para a abertura que lhe permite ser de modo mais próprio, ou seja, ser na abertura que o liga a mundo e por isso, aproximar-se de sua essência, segundo Heidegger, mais positiva, qual seja, possibilidades de ser.

Talvez a experiência do que se abre na recusa, nos traga como possibilidade a abertura que nos aproxima do nosso modo de ser mais próprio e do que nos constitui essencialmente, o *ser-no-mundo*. Tendo em vista que na recusa do que se abre num determinado humor, nos voltamos para uma diversidade de possibilidades que nos insere na originariedade de nossa essência.

*\*Leidiane Coimbra é mestra em Filosofia.*

### **Referências Bibliográficas:**

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Parmênides*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

DOMINGUES, Ivan. *Ética, ciência e tecnologia*. In: *Revista Kriterion*, n: 109.2004.

LOPARIC, Zeljko. *Ética e Finitude*. São Paulo, SP: EDUC. 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e Técnica*. In: *Plenárias da ANPOF*. Salvador: Quarteto Editora. 2006.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a Questão da Técnica: Prospectos Acerca do Futuro do*

---

15 HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. p.192.

*Homem*. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina.2006.

ZIMMERMAN. Michael E. *Confronto de Heidegger com a Modernidade. Tecnologia, Política, Arte*.

Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

## A-PRÓPRIA-AÇÃO DOS CONCEITOS

*Que formas tomam e que espaços ocupam as forças de dominação na sociedade capitalista? Resistências, autonomias e apropriações...*

*Thaís Brito*

O fim da Guerra Fria proporcionou, com a derrota dos regimes do Leste Europeu, o anúncio do fim da contradição capitalismo – socialismo, traduzida pelo ocidente como a oposição entre democracia e totalitarismo; possibilitou, assim, a proclamação do capitalismo como “uma ideologia que anunciava a chegada do ponto final do desenvolvimento social construído sobre os pressupostos do livre mercado, além do qual não se podem imaginar melhoras substanciais” (ANDERSON, 2004, p. 38). O capitalismo passa, então, a afirmar-se como a única forma possível de organização da sociedade.

A globalização é outro fator indicativo do avanço do capitalismo e de suas transformações. Em tempos de neoliberalismo, ela é tida como o caminho natural e incontestável do desenvolvimento socioeconômico global. Esse entendimento se dá, sobretudo, a partir da queda do muro de Berlim, da implosão da antiga União Soviética e, quase simultaneamente, a abertura da China às forças de mercado, fatores que supõem a existência de um espaço global em que o predomínio do capitalismo é incontestável.

Os organismos financeiros internacionais adquirem, nesse cenário, uma eficácia muito maior na obtenção do consenso; em muitas situações, é possível mesmo obtê-lo sem a necessidade de armas ou soldados. O Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a Organização Mundial para a Propriedade Intelectual ou a Organização Mundial do Comércio desempenham bem a função de dominação, através de suas imposições políticas e econômicas, principalmente nos países da periferia do capitalismo.

Os meios de comunicação, monopolizados por grandes empresas, reproduzem essa lógica, massificando e naturalizando o discurso da globalização e criminalizando as ações de resistência. O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) não foi acompanhado da democratização dessas ferramentas e aqueles que não reproduzem o discurso hegemônico não são autorizados a utilizar-se dessas tecnologias, ação legitimada pela regulamentação do setor voltada quase que exclusivamente para a defesa dos interesses das grandes empresas de comunicação.

Em todo caso, a utilização desses elementos na busca do consenso não anulou o uso da força e da coerção como forma de manutenção da hegemonia dominante. No caso dos veículos de comunicação, a estratégia de dominação é não só econômica, mas ancora-se também na legalidade e na violência física, tendo em vista a legislação da maioria dos países que impede o livre exercício da expressão e comunicação, criminalizando as iniciativas da sociedade civil no uso dos meios de comunicação e a perseguição de movimentos como os de rádios e tvs comunitárias, livres e alternativas. Mesmo não reivindicando legalidade, negando o rótulo de (i)legal, não é possível negar a existência da lei, da coerção, da força, do Estado – que, afinal, não se importa com qualquer concepção de quem a lei quer calar.

A supremacia militar estadunidense e o discurso da dominação mundial pela força, recorrendo cada vez mais à violência para manter uma ordem mundial injusta e desigual, também demonstra a incapacidade dessa lógica em sustentar-se apenas pelo consentimento.

Assim como é difusa a ideologia dominante e apresenta diversas contradições; são múltiplas as ações de resistência e estratégias de cada grupo social. Para compreender a configuração da dominação e da resistência é preciso ir além da esfera do trabalho, “transferir o centro da análise das relações de exploração para as relações de dominação da vida social e transcender a esfera do trabalho”. A organização das resistências abarca também aspectos culturais e sociais, envolve a construção de sentidos nas diversas esferas de reprodução da vida.

Nesse universo de sentidos múltiplos, contraditórios, complexos, há uma dificuldade em diferenciar as criações que subvertem, que transformam, que questionam daquelas que, ao contrário, conformam. É comum que se torne artigo de consumo, nicho de mercado, o que foi criado originalmente contestando a lógica do dinheiro. Fazer da tradição, da miséria, da arte, da identidade oportunidade de lucro; vender a rebeldia como moda jovem; vender produtos que exploram animais com imagens de galinhas, perus, porcos felizes; colocar a foto de Che Guevara num biquíni em desfile de luxo. São formas de esvaziar, distorcer sentidos e confundir. São formas de também transformar protestos, de apropriar-se do universo simbólico, das representações de organizações de resistência.

A coerção apresenta-se como legítima, por uma atuação da ideologia dominante capaz de provocar um certo consenso. E o consenso surge como concepções de mundo difusas na sociedade em diversos espaços e com sentidos múltiplos. Tal consenso forma-se não só naquilo nos espaços essenciais de reprodução capitalista, mas nos que contestam.

*Thaís Brito é pesquisadora, mestre em Ciências Sociais*



## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- BRUNET, Karla Schuch. (Org) **Apropriações tecnológicas: Emergências de textos, idéias e imagens do Submidialogia#3.** Salvador: Edufba, 2008
- CALADO, Carlos. **A divina comédia dos Mutantes.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995
- CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de uma revolução musical.** São Paulo: Ed. 34, 1997
- COSTA, Eliane Sarmiento. **“Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje”: o Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil, diante do cenário das redes e tecnologias digitais** (Dissertação) Fundação Getúlio Vargas – Mestrado profissional em bens culturais e projetos sociais
- DUARTE, Rogério. **Tropicaos.** Azougue Editorial, 2003
- DUNN, Christopher. **Brutalidade Jardim: A Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira.** São Paulo: Editora UNESP, 2009
- GALVÃO, Luiz. **Anos 70: Novos Baianos.** São Paulo: Ed. 34, 1997
- GOFFMAN, Ken. JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de prometeu à cultura digital.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2007
- GUARNACCIA, Matteo, **Provos - Amsterdam e o Nascimento da Contracultura.** Coleção Baderna. Editora Conra
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes: uma vida no século XX.** Cia das Letras, 2002
- HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção.** 1954
- KEROUAC, Jack. **On the road.** Porto Alegre: L&PM, 2006
- KEROUAC, Jack. **Geração Beat.** Porto Alegre: L&PM, 2008
- KEROUAC, Jack. **Os vagabundos iluminados.** Porto Alegre: L&PM, 2004
- LEE, Martin. SCHLAIN, Bruce. **Acid dreams: The CIA, LSD, and The Sixties Rebellion.** Universidade de Michigan. Grove Press, 1985
- REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo - Problemas econômico-sexuais da energia biológica.** São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- ROSAK, Theodore. **Para uma contracultura.** Lisboa: Dom Quixote, 1969
- SALOMÃO, Wally. **Armarinho de miudezas.** Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1993

SAVAZZONI, Rodrigo. COHN, Sérgio. (Org.) **Cultura Digital Br**

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. Companhia das Letras, 1997

VENTURA, Z. **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ZAPPA, Regina. SOTO, Ernesto. **1968 Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008

Maio de 68 – Coletivo Baderna

Digitofagia Cookbook

Mute: Culture and Politics After Net – Dis-integrating Multiculturalism

## Filmes

Aconteceu em Woodstock (2009) - Dir. Ang Lee

A luz vermelha do bandido (2009) - Pedro Cabron

A batalha de Seattle (2007)

A noite é perversa (1966) -Dir. Francis Coppola

Beleza Americana (1999) - Sam Mendes

Blow Up (1966) - Dir. Michelangelo Antonioni

Dr. Fantástico (1964) - Dir. Stanley Kubrick

Easy Rider (1969) - Dir. Dennis Hopper

Fabricando Tom Zé (2007) - Dir. Décio Matos Jr.

Filhos de João (2010) - Dir. Henrique Dantas

Hair (1979) – Dir. Milos Forman

Loki (2007) - Dir. Paulo Henrique Fontenelle

Maryjane (1968) - Dir. Maury Dexter

Meteorango kid - o herói intergalático - André Luiz Oliveira

O Homem do Braço de Ouro (1955) - Dir. Otto Preminger

Peggy Sue got married (1986), Dir. Francis Coppola

Rockers (1978) - Ted Bafaloukos

Superoutro (1989) - Edgar Navarro

Terra em Transe (1967) - Glauber Rocha

The Big Lebowski (1998) - Dir. Ethan Coen e Joel Coen

The Dreamers (2003) - Dir. Bernardo Bertolucci

Trainspotting (1996) - Dir. Danny Boyle

Yellow Submarine (1968) - Dir. George Dunning

Wood & Stock (2006) - Dir. Otto Guerra

Woodstock, 3 days of peace & music (1970) - Dir. Michael Wadleigh

Anos incríveis (1988-1993) - série

## Sítios

Baixa Cultura - <http://baixacultura.org/>

Cultura Livre - <http://www.culturalivre.org.br/wp/pt/>

Ação Cultura Digital no Estúdio Livre - <http://www.estudiolivre.org/tiki-index.php?page=CulturaDigital>

América Latindo - <http://radioamnesia.wikispaces.com/>

Arrigo Barnabé e Tom Zé <http://www.culturabrasil.com.br/programas/supertonica/arquivo-11/chega-de-saudade-por-tom-ze-3>

Bailux Metarec - <http://bailux.wordpress.com/>

Baobá Comunicação da Resistência - <http://www.mocambos.net/textos/baoba.zip/view>

Baobá Voador - <http://baobavoador.noblogs.org/>

Centro de Mídia Independente - <http://www.midiaindependente.org/>

Criei-tive-como - <http://crieitivecomo.org/wikka/HomePage>

Cultura Digital - <http://culturadigital.br/>

Casa da Cultura Digital - <http://www.casadaculturadigital.com.br/>

Coco de Umbigada - <http://sambadadecoco.blogspot.com/>

Coletivo Catarse - <http://coletivocatarse.blogspot.com/>

Cultura Viva - <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/>

Da Tropicália aos Pontos de Cultura - <http://tropicaline.wordpress.com/>  
<http://www.tropicaline.blogspot.com/>

Des).(centro - <http://pub.descentro.org/>

Estúdio Livre - <http://www.estudiolivre.org/>

G2G - <http://interfaceg2g.org/>

Gambiologia - <http://www.gambiologia.net/blog/>

Gesac - <http://www.gesac.gov.br/>

Hackeando Catatau - <http://organismo.art.br/blog/?p=2089>

Iconoclassistas - <http://iconoclasistas.com.ar/>

Lixo Eletrônico - <http://www.lixoeletronico.org/>

Memefest - <http://www.memefest.org/pt/>

Metareciclagem - <http://www.metareciclagem.org/>

Mídia Tática - <http://midiatatica.info/>

Movimento Sem Satélite - <http://devolts.org/msst/>

Nordeste Livre - <http://nordestelivre.wikispaces.com/>  
<http://dev.midiatatica.info/wikka/CronogramaNordeste>

Observatório do Direito à Comunicação - <http://www.direitoacomunicacao.org.br/>

One Laptop per Child - <http://wiki.laptop.org/go/Home>

Os novos baianos por Galvão - <http://osnovosbaianos.wordpress.com/>

Orquestra Organismo - <http://organismo.art.br/>

Pure Data <http://puredata.info/>

Rádio Amnésia - <http://radioamnesia.wikispaces.com/>

Rádio Livre - <http://www.radiolivre.org/>

Rádio Muda - <http://muda.radiolivre.org/>

RBrazileiro - as crianças subvertem - <http://rbrazileiro.info/blog/as-criancas-subvertem/>

Rede Mocambos - <http://www.mocambos.net/>

Rede Metareciclagem - <http://rede.metareciclagem.org/>

Retome a tecnologia - <http://retomeatecnologia.wordpress.com/> <http://www.takebackthetech.net/http://retomeatecnologia.info/> <http://retomandoatecnologia.wikispaces.com/>

Retomando a tecnera - <http://pinguinha.wordpress.com/>

Submidialogias - <http://submidialogias.descentro.org>

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Ministério da  
**Cultura**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet